

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

BACHARELADO EM TÊXTIL E MODA

BÁRBARA BEATRIZ TOSTA MADUREIRA E SILVA

**Coleção O Feminino Indomável:
Um olhar sob a alma selvagem**

SÃO PAULO
2022

BÁRBARA BEATRIZ TOSTA MADUREIRA E SILVA

**Coleção O Feminino Indomável:
Um olhar sob a alma selvagem**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção de título de Graduação de
Bacharelado em Têxtil e Moda, da Escola
de Artes Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo, sob
orientação da professora Dra. Beatriz
Helena Fonseca Ferreira Pires.

SÃO PAULO
2022



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Universidade de São Paulo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Biblioteca.
Ficha automatizada com os dados inseridos pelo(a) autor(a).

Tosta Madureira e Silva , Bárbara Beatriz
Coleção O Feminino Indomável: Um olhar sob a Alma
Selvagem / Bárbara Beatriz Tosta Madureira e
Silva ; orientador, Beatriz Helena Fonseca
Ferreira Pires. 2022.
74 f: il.

Monografia (Bacharelado em Têxtil e Moda) -
Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

1. Símbolos . 2. Mulher Selvagem. 3. Moda
autoral. 4. Psicologia Junguiana. 5. Mitos. 6.
Bruxas. I. Pires, Beatriz Helena Fonseca Ferreira ,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho à minha amada mãe, Lúcia Regina; que criou e defendeu com todo seu amor e sabedoria, a criança selvagem que eu sempre fui. Além de ser uma das minhas maiores inspirações.

Às memórias de meu amado e corajoso pai, José de Madureira; de minha segunda mãe e tia fada madrinha Helena Maria. Minhas avós, detentoras da minha raiz matrilinear: Maria Joaquina e Maria Madalena, esta que nem cheguei a conhecer neste plano, mas que sei estar olhando por mim e de quem me orgulho tanto.

Ao meu irmão Lilico, que desconstruiu minhas tensões com suas piadas horríveis e seus (des) conselhos e correções ótimas.

Quero agradecer ainda a minha tia Maria Aparecida, que também é uma segunda mãe para mim e um guia, principalmente quando se trata de ir se aventurar pelas matas e falar sobre as plantas.

Ao meu primo Renan Perciliano por ceder sua escova e quarto para que eu pudesse tratar dos ossos que encontrei. E aos meus primos, José Maurício Junior, Alex Bruno, Rafael Tosta e tio Mauricio pelo carinho e risadas.

À minha amiga rica Maria Delurdes e família por todo apoio e carinho.

À minha parte mineira da família; Edilia Moreira, Maria Clara, Maxssuel, Aluízio e Aline, por me darem uma semana de refúgio e alegria para que eu pudesse recarregar minhas energias.

À minha orientadora, Beatriz Pires, que atenciosamente me desafiou de forma positiva e soube me guiar em todas as suas aulas.

Ao meu grupo amadíssimo de amigos malucos como eu, Roberta dos Anjos, Tayna Santos, Rodrigo Lenharo, Camila Martins, Natália Toledo, Mariane Queiroz, Juliano Moraes, Gabriella Vicenti, Camila Klimas, Henrique Nakaema, Suzanne Stephanie, Carolina Insoliti, Stephany Costa, Stephanny Fernandes, Natalia Oliveira, Marlon Leal e Valéria Paschoal que rechearam cada dia da graduação com nossas incríveis histórias.

À todos os animais que já encontrei ou adotei; em especial: Juba, Xuxa, Pombinhos, periquitos, Beta, Branquim, Coleirinho, Diana, Mary, Lessie, Fia e Nenês, Estrela, Melody, Bern, Luna, Fauno, Amarela, Pirralha, Kiara, Bob e Neginha. Enfim, à todos os meus amigos com patas que me alegram e que amo tanto.

E por fim, aos queridos espíritos ancestrais da natureza que me acompanham desde sempre.

“As portas para o mundo dos selvagens são poucas, mas preciosas”. Se você tem uma cicatriz profunda, essa é uma porta, se você tem uma velha história antiga, essa é uma porta. Se você ama o céu e a água, tanto você quase não pode suportar, essa é uma porta. Se você anseia por uma vida mais profunda, uma vida plena, uma vida sã, que é uma porta.

[...] Com a natureza selvagem como aliado e professor que vemos não através de dois olhos, mas através dos muitos olhos de intuição. Com a intuição somos como a noite estrelada, olhamos para o mundo através de mil olhos. A mulher selvagem é fluente na linguagem dos sonhos, imagens, paixão e poesia”.

Clarissa Pinkola Estés.

RESUMO

Neste trabalho se propõe apresentar uma mini coleção de Moda Autoral; com temática inspirada nas histórias do “Feminino Selvagem” sob seu potencial simbólico que foi perseguido e distorcido em paralelo ao surgimento da sociedade patriarcal capitalista. O projeto é inicialmente inspirado no livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés, que traz a ideia do arquétipo da Mulher Selvagem através da Psicologia Junguiana. Partindo desse ponto, é relatado como se deu tal tentativa de domínio e seus desdobramentos desde a queda das sociedades matrilineares, passando pela caça às bruxas e chegando até o contexto atual.

Palavras-chave: Mulher Selvagem, Moda Autoral, Psicologia Junguiana, símbolos, mitos, arquétipos, matrilinear, caça às bruxas, resistência.

ABSTRACT

In this work it is proposed to present a mini collection of Author Fashion; with a theme inspired by the stories of the “Wild Feminine” under its symbolic potential that was persecuted and distorted in parallel with the emergence of patriarchal capitalist society. The project is initially inspired by the book *Women who run with the wolves: myths and stories of the Wild Woman archetype*, by Clarissa Pinkola Estés, which brings the idea of the Wild Woman archetype through Jungian Psychology.

Starting from this point, it is reported how such an attempt at domination took place and its consequences since the fall of matrilineal societies, through the witch hunt and reaching the current context.

Keywords: Wild Woman, Author Fashion, Jungian Psychology, symbols, myths, archetypes, matrilineal, witch hunt, resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O FEMININO INDOMÁVEL.....	11
1.2 Sagrado Feminino para quem?.....	15
2. A HISTÓRIA.....	20
2.1 A Mulher Selvagem	34
2.2 Símbolos	38
3. MITOS, CONTOS E HISTÓRIAS.....	42
3.1 La Loba.....	43
3.2 Pele de foca, pele da Alma	44
3.3 A Donzela sem mãos	46
4. PROCURANDO OSSOS- EVOCANDO ARQUÉTIPOS.....	49
5. COLEÇÃO.....	51
5.1 Experimentos e maquetes têxteis.....	52
5.2 Croquis.....	63
5.3 Confeção.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

Mesmo com as conquistas de direitos essenciais nas últimas décadas, e do aumento de coletivos e movimentos ligados ao Feminista, nascer mulher ainda é um ato de resistência. Viver em um mundo no qual você tem que lutar pra ser ouvida, para poder ser quem é, torna-se algo doloroso, solitário e em muitos lugares, perigoso. A sociedade patriarcal capitalista dita padrões e regras que visam controlar e domesticar as mulheres fazendo-as romper com seus ciclos íntimos, reprimir sua voz interior, seus corpos e seu Ser.

[...] o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo. O capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais – a promessa de liberdade frente à realidade da coação generalizada e a promessa de prosperidade frente à realidade de penúria generalizada – difamando a “natureza” daqueles a quem explora: mulheres, súditos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização.

No cerne do capitalismo, encontramos não apenas uma relação simbiótica entre o trabalho assalariado contratual e a escravidão, mas também, e junto com ela, a dialética que existe entre acumulação e destruição da força de trabalho, tensão pelas quais as mulheres pagaram o preço mais alto, com seus corpos, seu trabalho e suas vidas.” (FEDERICI, SILVIA. 2004, p.28).

Este trabalho tem o propósito de evocar e valorizar a Resistência da Mulher com seu feminino de Natureza Selvagem, através da criação de uma mini coleção de Moda Autoral; que usufrui de linguagem poética e simbólica, inspirada no livro *“Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem”*, de Clarissa Pinkola Estés. Nele, a autora narra como as histórias podem fazer a leitora se reconectar com o seu ser instintivo natural e como vencer os bloqueios psíquicos e criativos causados pela repressão do *“Self Selvagem”*, que foi estigmatizado, reprimido e distorcido.

A mini coleção desenvolvida tem foco inicial em alguns dos significados dos símbolos e arquétipos apresentados no livro supracitado para descrever a *“Mulher Selvagem”*, focando em três histórias: *“La Loba, a mulher lobo”*, *“Pele de foca, pele da alma”* e *“A donzela sem mãos”*; pois estas evocam aspectos de diferentes faces do feminino selvagem, relacionadas às culturas antigas da *“Deusa”*, ou seja, evocam aspectos simbólicos da Anciã, da Mãe e da Donzela cultuados em antigas culturas matriciais. Referenciam-se também figuras que foram saltando posteriormente

durante a pesquisa e desenvolvimento do projeto; tais como Baba Yaga, Vasalisa, Baubo, La Ilorona, Lilith, Pomba-gira dentre outras. Assim como a própria abordagem subjetiva da criadora deste trabalho.

Além disso, é amplamente tratada a obra “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva” de Silvia Federici para elencar o fato de que a distorção dos saberes ancestrais, a promoção da perseguição às mulheres dada pela Igreja e o Estado, assim como a ocultação de suas histórias fazem parte do projeto de sustentação do Sistema Capitalista.

Em suma, o trabalho se constitui de parte teórica, com o levantamento e análise bibliográfica; tratando das discussões sobre a perseguição das mulheres, que vem se dando desde a queda de sociedades matrilineares. Como também, aborda sobre os desdobramentos desses episódios na constituição do imaginário popular que foi moldado para rejeitar, temer ou rebaixar tudo que está ligado ao que alguns autores chamam de “universo do feminino profundo”. Além dos livros já mencionados, é usada a linha de Psicologia Junguiana e de pós-junguianos como Marie Louise Von Franz, para elucidar a nível social e psicológico a importância das histórias (dentre mitos e contos de fadas) na participação do inconsciente. Também serão abordados diversos autores e pesquisadores para fomentar a análise histórica como; Mircea Eliade, Gerda Lerner, Humberto Maturana, Martha Robles e diversos outros.

Dentro dos desdobramentos tratados destacam-se as discussões sobre a inclusão de todas as mulheres dentro das linhas do “Sagrado Feminino”, como a urgência de ações coletivas que tratem das feridas deixadas com a exploração da terra e das pessoas junto com a proscricção da Mulher.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, desenvolve-se a parte física do trabalho, que conta com a pesquisa e a experimentação de materiais que, através da feitura de maquetes têxteis, visando à criação de novos tecidos, e uma estética Simbolista, compõem a mini coleção; junto à confecção de um dos modelos.

Vale dizer que o trabalho foi diversas vezes interrompido pela eclosão da pandemia de covid-19.

1. O Feminino Indomável

Há muito tempo atrás e até agora, tentaram controlar uma das forças da Natureza: a Mulher. Ao verem que tal força podia renascer mesmo após ter sido morta milhões de vezes, tentaram apagar a sua história e sua natureza.

Ainda que haja atualmente uma maior difusão de discussões à cerca de temas ligados à violência de gênero, feminicídio e ao empoderamento feminino; há uma falta de pontes que conectem as pessoas com o cerne desses tópicos, que exponham a origem proposital dessas feridas na história da humanidade que se perpetuam até hoje, veladamente.

[...] a abolição da escravidão não pressupôs a desaparecimento da caça às bruxas do repertório da burguesia. Pelo contrário, a expansão global do capitalismo, por meio da colonização e da cristianização, assegurou que esta perseguição fosse implantada no corpo das sociedades colonizadas e, com o tempo, posta em prática pelas comunidades subjugadas em seu próprio nome e contra seus próprios membros. (FEDERICI, SILVIA. 2004, p. 428-429).

Um dos pontos de partida para o entendimento dos simbolismos utilizados nesse trabalho será o olhar sobre os desdobramentos da figura da “Bruxa”- entre outras figuras ligadas a ela como A Mulher Selvagem – pois, a Caça as Bruxas foi um massacre que reprimiu as revoltas antifeudais, combateu as novas organizações sociais que se formavam, muitos das quais possuíam mulheres comandando, e, além disso, sustentou a implementação e solidificação do capitalismo no mundo, tudo isso enquanto assassinava milhares de pessoas com o apoio da lei. No entanto, este evento foi banalizado por muitos historiadores, ou sequer é citado como parte do processo de constituição das ordens de poder mundiais, ou ainda como um grande genocídio que testava sua metodologia para ser intercambiada nas colônias.

A caça às bruxas aparece raramente na história do proletariado. Até hoje, continua sendo um dos fenômenos menos estudados na história da Europa ou, talvez, da história mundial, se consideramos que a acusação de adoração ao Demônio foi levada ao “Novo Mundo” pelos missionários e conquistadores como uma ferramenta para a subjugação das populações locais.

O fato de que a maior parte das vítimas, na Europa, tenham sido mulheres camponesas talvez possa explicar o motivo da indiferença dos historiadores com relação a tal genocídio; uma indiferença que beira a cumplicidade, já que a eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando não uma questão de folclore. [...] Inclusive, os estudiosos da caça às bruxas (no passado eram quase exclusivamente homens) foram frequentemente dignos herdeiros dos demonólogos do século XVI. Ainda que deplorassem o extermínio das

bruxas, muitos insistiram em retratá-las como tolas miseráveis, que sofriam com alucinações.

Desta maneira, sua perseguição poderia ser explicada como um processo de “terapia social”, que serviu para reforçar coesão amistosa (Midelfort, 1972, p. 3), ou poderia ser descrita em termos médicos como um “pânico”, uma “loucura”, uma “epidemia”, todas caracterizações que tiram a culpa dos caçadores das bruxas e despolitizam seus crimes.

Os exemplos da misoginia que inspirou a abordagem acadêmica da caça às bruxas são abundantes. Como apontou Mary Daly, já em 1978, boa parte da literatura sobre este tema foi escrita de “um ponto de vista favorável à execução das mulheres”, o que desacredita as vítimas da sua perseguição, retratando-as como fracassos sociais (mulheres “desonradas” ou frustradas no amor) ou até mesmo como pervertidas que se divertiam zombando dos seus perseguidores masculinos com suas fantasias sexuais”. (MIDELFORT, 1972; DALY, 1978 apud FEDERICI, Silvia. 2004, p. 293-294).

O atual (des) governo brasileiro defende uma estrutura que inferioriza e cerceia os direitos das mulheres, dos povos originários, negros, classes baixas, população LGBTQIA+, deficientes e dentre outros grupos chamados “minorias”; ignora estrategicamente todo o contexto histórico-cultural do país, e usa parte da população como “massa de manobra” ao declarar fatos falsos ou distorcidos, faz apologia constante à violência, além de dar seguidas declarações misóginas e preconceituosas reproduzidas e difundidas amplamente por seus seguidores. O poder político está concentrado atualmente no que são popularmente conhecidas como “bancada evangélica”, “bancada ruralista” e até “bancada da bala”; que se compõem principalmente de homens [brancos e cisgênero] latifundiários e religiosos conservadores que governam para manter privilégios de uma minoria ao custo de destruírem o patrimônio ambiental, histórico e cultural do país, fechando os olhos para o genocídio de diversos grupos, e matando a terra para exploração inconsequente.

A respeito da segregação da natureza e de grupos sociais específicos, Krenak comenta:

Enquanto isso, a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra. Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade. Porque tem uma humanidade, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais bruta, rústica, orgânica, uma sub-humanidade, uma gente que fica agarrada na terra. Parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda, tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe.[...] A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o

mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. (KRENAK, AILTON. 2019, p. 16-17).

Neste cenário, nota-se mais uma vez a reprodução da estrutura repressora de dominação colonial e patriarcal. Mas então, qual seria a relação de mitologias, genocídio, feminismo, capitalismo, Brasil e além de tudo, com a moda? (Essa pergunta me foi feita várias vezes durante o trabalho). Em suma, pode-se dizer que a Moda em suas diversas cadeias e segmentos é uma das maiores, mais lucrativas e com grande poder no mundo. Como também, uma das que mais destroem, poluem e geram diversos tipos de exploração de recursos naturais e pessoas.

Segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT), o faturamento dos setores têxtil e de confecção foram cerca de R\$161 bilhões em 2020 (*IEMI 2021*); com geração anual de cerca de 175 mil toneladas de resíduos têxteis pela indústria da moda, só no Brasil. Dados da ONU Meio Ambiente mostram que o setor é responsável pela emissão de 8% a 10% de gases do efeito estufa, e no que diz respeito aos diversos impactos sociais destaca-se o fato de que a Indústria da moda gera cerca de 75 milhões de empregos, segundo a ONG Remake, porém também é uma das que mais tem casos de trabalho escravo e infantil.

Quando emergem essas questões que expõem suas ligações com o modelo de degradação capitalista, a indústria age se apropriando dos temas, comercializando o assunto e assim esvaziando o mesmo, gerando uma falsa sensação de representatividade e de iniciativas que só mascaram a realidade, salvo exceções, como exemplo pode-se citar a apropriação cultural presente em diversas marcas que não repassam seus lucros para as populações das quais tomam as influências, assim como as marcas de *fast fashion* que estampam frases “empoderadas” em suas peças sem repensar nenhum dos seus processos produtivos destrutivos, e sem dar voz às pessoas tratadas pelas discussões, enquanto explora milhões de trabalhadores em suas bases alimentando todo este ciclo de dominação.

Aliás, ao que se refere às estratégias de dominação é importante lembrar do papel exercido pela moda no comportamento e imaginário popular que, influenciada também pelo modelo capitalista eurocêntrico, estabeleceu fortemente padrões de beleza e status inatingíveis pela maioria da população gerando rivalidade sobretudo feminina e insatisfação consigo mesmo para incentivar e alimentar as cadeias de consumo compulsório.

Dessa forma, este trabalho usará a Moda como linguagem, no intuito de despertar as imagens arquetípicas contidas nas histórias, e talvez conseguir chamar a atenção sobre as questões mais profundas que elas carregam; como também, explorar os intercâmbios que Moda e Arte possuem entre si e que não são possíveis no processo de industrialização; por meio de práticas artesanais e processos artísticos desenvolvidos pela autora, ressaltando a importância do fazer manual, da dialética artística e artesanal que é tão desvalorizada e explorada no Brasil, e que são descritas no livro “Mulheres que correm com os lobos” como detentoras de grande poder na esfera da psicologia como práticas terapêuticas e também ferramentas de expressão e registro histórico-cultural.

Sobre a estratégia de dominação colonial através da perseguição artística Silvia Federici cita:

[...] Destruí-los ou proibir seu culto era uma forma de atacar a comunidade, suas raízes históricas, a relação do povo com a terra e sua relação intensamente espiritual com a natureza. Os espanhóis compreenderam isso na década de 1550 e embarcaram em uma sistemática destruição de tudo aquilo que se assemelhava a um objeto de culto. (...) as festividades, tais como os banquetes, as canções e as danças, assim como as atividades artísticas e intelectuais (pintura, escultura, observação das estrelas, escrita hieroglífica) – suspeitas de serem inspiradas pelo Diabo – foram proibidas e aqueles que participavam delas foram perseguidos sem misericórdia. (BAUDEZ e PICASSO, 1992, p.21 apud FEDERICI, SILVIA. 2004.p.409).

Tratando ainda sobre a gestão atual brasileira, vale lembrar que além das já citadas estratégias de dominação por meio das políticas de degradação ambiental e social, há também grande perseguição aos programas e manifestações artístico-culturais, seja através do corte de verbas a eles destinadas, seja através do fechamento ou cerceamento de espaços nos quais estes aconteceriam (incluindo muitas vezes até as vias públicas) com o uso, inclusive, da violência policial. Em paralelo aos ataques e restrições, o poder é solidificado pelas chamadas “*fake News*”; as notícias mentirosas, espalhadas de forma proposital para gerar desinformação e pânico, deixando a população sugestionável a crer em uma autoridade presidencial supostamente salvadora da “pátria, família e costumes tradicionais brasileiros”, ou seja, do modelo de família patriarcal-colonial e cis-heteronormativa.

Tal política do terror foi usada na época da ditadura militar tanto no Brasil como em outros países. Silvia Federici (2004) chama a atenção para o fato de que essa campanha de dominação pelo caos tem suas raízes novamente da época que foi instaurada a caça as bruxas, ela comenta que foi a primeira vez em que se usou

“propaganda multimídia na Europa que gerasse uma psicose em massa na população”.

1.2 Sagrado Feminino para quem?

“Sagrado Feminino” é uma das filosofias que se relaciona por vezes com o Feminismo, e vem ganhando destaque recentemente. Em síntese, tem como preceito o equilíbrio da mente e corpo através da conexão com a natureza e consigo mesmo, a partir do entendimento dos seus ciclos íntimos que são equilibrados com essa reconexão com a “Deusa-Mãe-Natureza” e diversas divindades arquetípicas relacionadas a ela, levando em consideração que esse despertar da “energia feminina” se daria tanto no homem quanto na mulher, se relacionando também com algumas das teorias Junguianas.

Muitas características dessa corrente foram usadas para inspirar tanto o livro “Mulheres que correm com os lobos” como este trabalho, no entanto é imprescindível salientar que há questões e tensões que precisam ser expostas e debatidas dentro dessa vertente, principalmente no que diz respeito à representatividade e inclusão dos diversos tipos de mulheres, o que em tese seria um dos princípios da formação do Sagrado Feminino; e que o ligaria com o movimento Feminista no sentido da busca pela valorização da mulher, com sua igualdade e união.

No entanto, na prática pode-se observar algumas problemáticas, por exemplo; o fato da maioria das mulheres principalmente de classes sociais baixas não conhecerem ou não se sentirem contempladas pelo Sagrado Feminino, pois principalmente com o crescimento das redes sociais, os grupos que tem se formado usando o seu discurso são cada vez mais comerciantes de práticas “*coaches*” e até de apropriação cultural, que cobram fortunas para imersões online e se esquecem da verdadeira essência dos fundamentos que pregam a busca pela natureza, autoconhecimento, sororidade, etc.

Essa distorção têm perpetuado atitudes que quando isoladas apenas fortalecem o ego de pessoas que só aderem o discurso do movimento ao “tirarem *selfies* em seus retiros espirituais”, estimulam o consumo de uma nova tendência de apropriação para o perfil do “jovem místico”, ou então que espalham a superioridade

de métodos e curas milagrosas que negam a ciência ou se dão com a ausência de um profissional capacitado. Na obra, “A vida não é útil” Krenak afirma:

Hoje, quem fala em ancestralidade é um místico, um pajé, uma mãe de santo, porque as “pessoas de bem” saíram de um MBA em algum lugar e não vão ficar falando esse tipo de coisa.

[...] “Tem gente que se sente muito confortável se contorcendo na ioga, ralando no caminho de Santiago ou rolando no Himalaia, achando que com isso está se elevando”. Na verdade, isso é só uma fricção com a paisagem, não tira ninguém do ponto morto.

Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou me salvar sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando eu percebo que sozinho não faço a diferença, me abro para outras perspectivas”. (KRENAK, AILTON. 2020, p 49-50).

Ou seja, a problemática está na deturpação do discurso ligado a essa corrente, nas práticas esvaziadas e desvinculadas de movimentos sociais que realmente batam de frente com a exploração e marginalização de corpos e da natureza, e que fortaleçam o real Sagrado Feminino- que na opinião da autora deste trabalho, não deve ser visto apenas como simples exaltação do útero e da feminilidade como pregam alguns grupos.

Essa capacidade de subverter a imagem degradada da feminilidade, que foi construída por meio da identificação das mulheres com a natureza, a matéria, o corporal, é a potência do “discurso feminista sobre o corpo” que trata de desenterrar o que o controle masculino de nossa realidade corporal sufocou.

No entanto, é uma ilusão conceber a libertação feminina como um “retorno ao corpo”. Se o corpo feminino – como discuto neste trabalho – é um significante para o campo de atividades reprodutivas que foi apropriado pelos homens e pelo Estado e convertido num instrumento de produção de força de trabalho (com tudo aquilo que isso pressupõe em termos de regras e regulações sexuais, cânones estéticos e castigos), então o corpo é o lugar de uma alienação fundamental que só pode ser superada com o fim da disciplina-trabalho que o define. (FEDERICI, SILVIA. 2004. p.23).

Destacando ainda que, principalmente as mulheres pretas, indígenas e de minorias étnico-sociais são as que mais têm sido atingidas com essa “gourmetização” do Sagrado Feminino, pois além da carga do gênero a colonização deixou marcas que marginalizam duplamente esses grupos. Ainda sobre representatividade, nota-se também a falta de colocações sobre mulheres deficientes, mulheres trans e travestis, idosas e até mulheres sem útero.

Sobre os tópicos relacionados com a representatividade de gênero, Clarissa de Franco e Eduardo Maranhão Filho levantam o artigo “Sagrado não binário? O conceito da pisque andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino”:

Para Maranhão Filho, tal biologização do corpo/sexo/gênero (por que não dizer também d'alma?) que pode ou não ser considerado feminino ou masculino (ou mesmo não-binária) não leva a sério as sensibilidades e subjetividades de pessoas que não nasceram com o aparato físico esperado a quem é outorgado/a "homem" ou "mulher". No caso, por exemplo, de pessoas que se declaram mulheres trans e travestis e que não são aceitas em tais ambientes por não terem útero, ovários ou passarem por ciclos menstruais, ficam indagações: o que é ser mulher? É realmente algo referente ao biológico? Não é, afinal, uma questão política e sociocultural? Quantas mulheres (assim designadas ao nascerem) não tem útero, ovários, seio(s)? Por acaso deixam de serem consideradas mulheres? Afinal, para ser considerada mulher é necessário passar por ciclos menstruais? Creio que não: ser mulher é questão do subjetivo, não do biológico. (MARANHÃO FILHO, Eduardo. 2017, p. 204 apud Clarissa de Franco, Eduardo Maranhão Filho. 2019, p. 135)

Os autores explicam como certos grupos de Sagrado Feminino precisariam repensar as suas pautas para um acolhimento mais amplo de mulheres:

[...] Na teoria junguiana e arquetípica, as facetas com as quais animus e anima se identificam durante o processo de individuação ou desenvolvimento da consciência não representam o feminino e o masculino em si, mas etapas do processo, imagens, facetas do grande caleidoscópio que é a consciência. Em termos de lutas de gênero, não se pode pensar a emancipação feminina hoje sem a formação de redes, que incluem as mais diferentes concepções da luta feminina e feminista. Nesse caso, a Psicologia Junguiana e sua linha arquetípica podem se recolocar no debate público sobre gênero, trazendo uma revisão de práticas que se apoiam em seus conceitos, como é o caso dos Círculos Sagrados de Mulheres – que podem se reinventar através do acolhimento de mulheres (e quem sabe, de pessoas não-binárias) que se identifiquem como tal mesmo que não possuam o que é biologicamente considerado como sendo de mulher. (FRANCO, Clarissa de e MARANHÃO FILHO, Eduardo. 2019, p.127-151).

Ou seja, na teorização das linhas que seguem o pensamento junguiano¹, o conceito de *anima* (polo feminino da psique e *animus* polo masculino da psique) são elementos simbólicos, de representações energéticas complementares presentes na psique individual de todo ser humano independente de sua sexualidade, identidade de gênero ou ainda "sexo biológico".

[...] verificamos que a concepção junguiana acerca de gênero é mítica e não literal, o que quer dizer que toda personificação de animus e anima, mesmo as realizadas por Jung, são tentativas de mostrar as facetas que são parte de um todo indiferenciado. Se nos focarmos na meta da totalidade, o binarismo torna-se circunstancial, didático, e não uma característica essencialista do feminino e do masculino, como alguns grupos do Sagrado

¹ Continuando com exemplos e explicações das teorias de Jung, sua retomada no campo científico e a contraposição à linha de Freud ver: O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea de Antonio Maspoli e Vanessa Ponstinnicoff. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_2/01.pdf
Para aprofundamento sobre os Arquétipos ver também "Os arquétipos e o inconsciente coletivo Vol. 9/1" de Carl Gustav Jung.

Feminino têm incorporado. As concepções de animus e anima não deveriam ser traduzidas como o masculino é y e o feminino é x, pois não foi desse modo que Jung se pronunciou. A popularização da teoria junguiana e sua utilização no campo esotérico trouxe uma prática de simplificação de alguns de seus conceitos. E esta simplificação deu lugar ao reducionismo / essencialismo que atrela características específicas (conteúdo) ao arquétipo do masculino e do feminino (forma). Desse modo, masculino e feminino não seriam representações diretas e literais de como ser homem e como ser mulher ou, ainda, como devem ser homens e mulheres, mas sim, princípios energéticos com potencial de tornarem-se algo além de si. Com isso, Jung estava desvinculando o binarismo de uma característica que poderia estar atrelada à essência de gênero, ligando-o a condições passageiras de um estágio de identificação da psique em relação ao tema. Em *O Livro Vermelho*, Jung (2009, p. 203) questiona: “vós procurais o feminino na mulher e o masculino no homem”. E assim há sempre apenas homens e mulheres. Mas onde estão as pessoas? (...) a pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou só mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é. (FRANCO, Clarissa de e MARANHÃO FILHO, Eduardo. 2019, p.144)

Em síntese, o Sagrado Feminino enaltece as referências de poder feminino baseado em figuras mitológicas e histórias como das Deusas antigas segundo a ativação de “arquétipos” presentes na Psicologia Junguiana. Sumariamente, Jung (2000) considerava que a psique humana (alma, mente- união da parte consciente inconsciente da pessoa) seria formada tanto pela memória e experiência individual quanto por estruturas de imagens primordiais passadas entre gerações desde o começo da humanidade, este seria então o chamado “inconsciente coletivo”; sendo assim os arquétipos se manteriam em sua essência, mas não possuiriam um conteúdo fixo, o que significa que a forma como essas imagens aparecem segundo a cultura e período variam, mas continuam atingindo as mesmas camadas psíquicas de todas as pessoas.

Jung e teóricos que se baseavam em sua perspectiva afirmam que tais imagens seriam ativadas de diversas formas como por meio de lembranças, experiências sensoriais e emocionais, criação cultural, complexos etc., porém, destacam o uso das histórias (dentre mitos, lendas e contos de fadas) como ferramentas poderosas usadas desde os primórdios dos agrupamentos humanos para ativação dessas estruturas.

Analisando Eliade, é possível comparar o mito com uma espécie de “documento vivo”, que descreve o sobrenatural, o sagrado e a origem/ criação das coisas. Assim, conhecê-los e revive-los ritualmente é conhecer a origem. Eliade afirma em *“mito e realidade”* a importância do mito como fenômenos culturais da humanidade:

[...] sociedades onde o mito é — ou foi, até recentemente — "vivo" no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos. (ELIADE, 1998. p. 06).

Camila Biel Menino, em sua dissertação “Correndo com os tigres: o feminino nos contos de fadas de Angela Carter” cita:

A doutora em psicologia clínica, hospitalar e psicossomática, Maria Teresa Nappi Moreno, afirma que, segundo a psicologia analítica, contos de fadas são formas simbólicas pelas quais a psique se manifesta e a sua escrita reaviva processos inconscientes, facilitando a integração desses conteúdos psíquicos entre o inconsciente e o consciente. Em outras palavras, os contos de fadas são como projeções do inconsciente coletivo. (MENINO, CAMILA BIEL. 2021, p.52).

A classificação e patamares que catalogam as histórias entre mitos, contos de fadas, lendas dentre outras nomenclaturas, não é um consenso entre os autores e estudiosos. Este trabalho apresenta um misto das categorias; concentrando-se no valor cultural, simbólico e psicológico de tais histórias.

Marie Louise Von Franz; discípula de Jung e grande referência no estudo dos contos de fadas observa em “O feminino nos contos de fadas” de 1972 o ressurgimento do interesse público por este gênero, que diversas vezes foi tratado como algo voltado para o público infantil. Contemporaneamente tem-se observado a mesma retomada, sobretudo em séries, filmes, literatura, games, marketing, moda e design. Von Franz conclui em sua obra que a negatividade atribuída pela sociedade ao papel das feiticeiras nas histórias, representa uma recusa ao princípio feminino, “o temor do inconsciente”; os princípios masculino e feminino estariam presentes em todos os humanos e tal retomada de interesse pelo “inconsciente, irracional”, inclusive com temas ligados a ecologia e natureza representariam a dissolução dos modelos tradicionais de gênero e o começo da transformação para equilibrar essas polaridades.

No que se refere à interpretação dos contos, Clarissa Estés afirma que durante a sua carreira teve que fazer um trabalho de “paleomitologia das histórias”, pois elas mudam de acordo com o ponto de vista do contador, local, cultura dentre outras variantes, sobretudo as camadas atribuídas pelo eurocentrismo colonial, Igreja e valores patriarcais.

2. A História

Por que continuar falando de caça às bruxas, patriarcado e capitalismo?

Segundo a teoria do biólogo Humberto R. Maturana e de Gerda Verden-Zöller (2004), havia na Antiguidade culturas chamadas Matrísticas ou Matriciais (que diferem de Matriarcais no sentido autoritário atrelado à palavra; o “culto A Deusa, a Antiga Religião e Matriarcal” são tratadas como similares em diversos trabalhos dentre alguns autores); tais culturas pré-patriarcais se davam através de “redes de cooperação e parceria”, ao invés de submissão, dominação e competição, cuja figura da mulher era central nessas organizações, sobre isso Paulo Sérgio Marques discorre em seu trabalho “Narrativa, Alteridade e Gênero: o Imaginário Patriarcal e os Arquétipos Literários”:

Maturana e Verden-Zöller afirmam que, quando a humanidade nasceu, há mais ou menos três milhões de anos, vivia, de forma natural e sem reflexões ou artificialismos, em redes de conversações que “envolviam a colaboração dos sexos na vida cotidiana, por meio do compartilhamento de alimentos, da ternura e da sensualidade” (2004: 18-21). [...] Essa cultura vicejou entre 7.000 e 5.000 a.C. e caracterizou-se por uma religião “centrada no sagrado da vida cotidiana”, na “harmonia da contínua transformação da natureza por meio da morte e do nascimento, abstraída como uma deusa biológica em forma de mulher, ou combinação de mulher e homem, ou de mulher e animal. (MATURANA E VERDEN ZOLLER. 2004, p.18-21 apud MARQUES. Paulo Sérgio. 2007, p.62-63).

Tal entendimento tratava a espiritualidade como uma espécie de “Religião Orgânica” ² ligada à terra provedora da vida, onde as mulheres seriam a ponte entre os mistérios primordiais através de experiências corporais e psíquicas, como por exemplo, em seus ritos de passagem ligados aos ciclos menstruais, dentre outros.

Ainda segundo Maturana (2004), a cultura “pré-patriarcal” teria sido dissolvida pelos grupos de pastores indo-europeus, que desenvolveram um “emocionar diferente”, uma modificação em sua relação com a morte, pois segundo o modo de vida antigo os grupos agricultores, sedentários e coletores viam a atividade da caça como um ato sagrado de “morte para gerar vida”. Já os grupos pastoris que começaram a seguir rebanhos de animais migratórios experimentavam a apropriação, que deveria ser defendida de grupos rivais e predadores, então a morte seria justificada como defesa da propriedade. Segundo este cenário Marques conclui:

Esta é apenas uma nas “mudanças adicionais no emocionar” patriarcal, desencadeadas pelo desejo e ato da apropriação; foram outras: o

² O entendimento sobre religião era distinto do que é hoje.

sentimento de inimizade; “o desejo constante por mais, numa interminável acumulação de coisas que proporcionavam segurança”; a sexualidade reprodutiva contra a estética e o prazer, “como forma de obter segurança mediante o crescimento do rebanho ou manada” e a “ampliação da população de trabalho” e defesa do grupo, de onde o controle da sexualidade feminina como propriedade do homem; o estabelecimento da obediência e de hierarquias no convívio social e no trabalho; e o temor da morte como fonte de dor e perda total.

[...] O investimento no crescimento dos rebanhos e da população ocasionaram uma explosão demográfica, o que exigiu a expansão do território da comunidade e o conflito com outros grupos humanos: “A guerra, a pirataria, a dominação política, a escravidão devem ter começado nessa época e, eventualmente, produziram migrações”. (MATURANA 2004: 59-60 apud MARQUES, Paulo Sérgio. 2007 p.63).

É importante ressaltar que os termos usados aqui para descrever tais culturas, como matrísticas não têm como objetivo agrupar etnias distintas descaracterizando-as como “iguais” - ao modo do pensamento colonizador - as teorias apresentadas trazem as raízes de sistemas que tinham a mesma lógica dentro de suas cosmologias particulares.

Grande parte dos estudos sobre essas sociedades não é acessível devido tanto ao histórico de dominação e destruição entre os povos que geraram tentativas de apagamento social, degradação de documentos e registros históricos, quanto ao caráter da prática de conhecimento oral da época, ou linguagem pictórica que antecederam os registros escritos, dos quais seriam os mais estudados.

Marques cita tratando da construção do pensamento do indivíduo inserido no contexto matricial:

Segundo a teoria cultural de Maturana, a existência humana se elabora através de “redes de conversação” construídas pela prática da linguagem ou “linguajear”. A linguagem, por sua vez, é resultado das emoções. No fundamento de qualquer atividade humana está uma forma de emocionar o mundo, maneira de relacionar-se o sujeito com as coisas do ambiente através de uma mecânica do desejo. As emoções “preexistem à linguagem”, pois, antes de pertencer à espécie humana, o *homo sapiens* é o resultado da evolução de uma biologia animal (MATURANA 2004, p. 29 apud MARQUES, Paulo Sérgio. 2017, p.62).

Dentro dessa filosofia matricial, afirma-se que os indivíduos não se classificavam como seres à parte da natureza, tratavam as tarefas diárias com significado cósmico e as mulheres como “produtoras culturais”. Nesse sentido, a psicóloga e pesquisadora Jordana Melo reflete na palestra “A Jornada Matrística”, que as mulheres dessa época realizavam em seus afazeres transformações da matéria: fogo em ferramenta, semente em alimento, terra em cerâmica e essa ligação e relação da matéria/lama/mãe, se associa ao entendimento do surgimento

da vida na terra, portadora de um grande útero, salientando ainda que não havia superioridade entre os gêneros, e sim um pensamento baseado na natureza, além de uma produção tecnológica essencial para a sobrevivência, mas que não se baseava na guerra e dominação. Jordana cita a arqueóloga Marija Gimbutas que observa em objetos de cultos, pinturas, símbolos e cerâmicas achados no leste europeu que datam do período neolítico, e que transmitem essa “religião” ou espiritualidade ligada a Terra e a Deusa, em contrapartida aos achados nas sociedades que já seguiam o modelo patriarcal que exaltam a força, as armas, as batalhas, um deus pai.

Retomando Marques, ele cita a transformação defendida por Maturana que ocorreu em nível biológico nos indivíduos atrelados ao patriarcado:

Maturana observa que na cultura matrística a criança, quando passava para a vida adulta, continuava gozando dos prazeres da infância nos braços maternos (2004: 45). O homem nasce no seio da mãe e daí passa ao seio da deusa. Nada interrompe a forma de viver aprendida durante a infância no gozo estético próprio ao emocionar feminino. Já o crescimento das crianças, no patriarcado, passa por “duas fases opostas”: na infância ela experimenta o pertencimento à cultura das mães, da “biologia do amor”, que vê o outro como “legítimo outro em coexistência conosco”; mas, quando entra na vida adulta, é atirada num mundo centrado na luta e na apropriação, na competição e na negação do outro, nas “relações de autoridade e subordinação” (MATURANA 2004: 44-45). As exigências dessa separação, se por um lado colorem o mundo infantil e materno com uma aura de idade de ouro perdida, por outro lado vão conferir à mãe e ao feminino um valor negativo, de mal e desgraça, de imanência física e animal contra a qual o sujeito que quer se integrar ao sistema cultural deve lutar para libertar-se. Esse mundo de factividade e destino biológico aparece, segundo Durand, nos símbolos teriomórficos do Regime Diurno: “Terror diante da mudança da morte devoradora, é assim que nos aparecem os dois primeiros temas negativos inspirados pelo simbolismo animal”, por isso, é “na goela animal que se vêm concentrar todos os fantasmas terrificantes da animalidade” (2002: 89). Destes símbolos, Durand defende que “o lobo é o animal feroz por excelência” (2002: 85), o que parece confirmar as teses de Maturana sobre ele ter sido a primeira figuração do inimigo na história do patriarcado ocidental. (MATURANA, 2004. p. 44-45 apud MARQUES, Paulo Sérgio. 2007, p.67-68).³

Hoje em dia há ainda práticas e filosofias matrilineares que sobrevivem em algumas culturas, contrariando a corrente dominante e lógica da sociedade moderna, as mais conhecidas, ainda que pouco, estão entre os povos originários, em regiões do continente Africano e no pensamento do Pan-africanismo (ainda que tais povos não possam ser tomados como iguais aos das culturas pré-capitalistas).

³ Esse simbolismo negativo atribuído à goela de animal também é visto depois nas retratações da vagina, que tem estruturas semelhantes a boca/ goela, e também representava a caverna e portal dos mistérios da vida.

Jordana trás como exemplo as mulheres da etnia *Navajo*, que praticam a tecelagem desde as gerações mais antigas num ato de conexão com a matéria animal, o design cheio de simbolismos em seus desenhos, e que remetem a “Deusa Mulher-aranha”, nas práticas cotidianas que não são necessariamente feitas dentro de um templo. Tal figura que aparece sincretizada ou associadas com deusas de diversificados povos.

Tratando ainda da expansão da vida nômade dos grupos humanos, a mulher passou a ser também propriedade; no lugar de canal com os Deuses e portadora da fertilidade em amplo sentido, passou a ser reprodutora compulsória, as tarefas ficaram restritas aquelas que não prejudicariam a atividade reprodutiva e doméstica de cuidado com as crianças, que deveriam ser geradas constantemente devido à alta taxa de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida do novo modo de organização (constantemente confrontos com animais, outros humanos, e condições hostis durante os deslocamentos). Para garantir esse “contrato” de propriedade sob as mulheres, como moeda de troca entre as famílias, a virgindade se tornou exigência para as mulheres até o casamento, assim como a monogamia que na prática só era válida para as mulheres. Assim, com a tarefa de manter as propriedades dentro da família surge a noção de herança e sucessão junto com o fortalecimento das figuras do Pai, protetor, Deus como também a organização e hierarquização de estruturas de dominação e poder sociais.

Dessa forma, usando a desculpa da diferenciação biológica natural para separação e subjugação dos sexos, a mulher agora deveria ser dominada assim como a natureza. No artigo “Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal” Aline Silva afirma:

Um dos principais mecanismos para a escravização era a legitimidade na diferença biológica e/ou aparente. O escravizado é o outro, o estranho, o estrangeiro. Essa diferença servia para sustentar o argumento da escravidão tanto para o dominador quanto para o dominado. Gerda Lerner argumenta que, em virtude da morte, da separação ou do abandono de um homem em relação a uma mulher, esta ficaria vulnerável e à margem da sociedade. À vista disso, os homens, possivelmente, puderam observar essa latente vulnerabilidade nas mulheres e aprenderam como se utilizar das distinções para hierarquizar e estratificar pessoas e grupos. (GERDA, Lerner apud SILVA, Aline Layane Souto da p.36)

Seguindo a linha de Gerda Lerner, Silva analisa que o descumprimento da nova organização social por uma mulher, que agora era escrava legítima do homem e do lar, geraria punições desde a exclusão social, perseguição e até a morte. Ainda hoje há a decorrência de tais desdobramentos, seja no feminicídio muitas vezes

velado ou ainda em países que permitem, por exemplo, o apedrejamento de mulheres em praça pública pelo descumprimento das ordens do marido ou infidelidade.

Assim, com a queda da cultura matrifocal de cuidado grupal e ascensão da cultura de dominação, o surgimento dos impérios agora era baseado não mais na sobrevivência, mas sim, na demonstração de força e poder através das guerras, da expansão territorial e dominação, assim como pela exaltação do ego masculino voltada para força, braveza e habilidade em lutar, Silva observa o surgimento dos jogos de combate que vão se tornando populares, onde os homens mediam força entre si, com animais ou ainda entre seus escravos.

Neste cenário, o rebaixamento da figura feminina perante a sociedade até o seu apagamento social, pedia que os símbolos de fé também tivessem uma face masculina. Então, aos poucos, os cultos baseados nas cosmologias ligadas a uma Deusa-mãe, Deusa-animal e até casal de Deuses governantes e criadores do mundo, foram perseguidas, distorcidas, alteradas, apagadas e/ou absorvidas pelas narrativas de um ser divino pai e criador solo da terra. Pois se o papel da Deusa mulher fosse mantido como criadora que governa a natureza e o trono divino, haveria base para que a mulher comandasse o governo na terra. No trabalho, “Prostituição feminina: de deusas a profanas”, Miria Borges e Laslei Petrilli trazem a discussão:

A fabricação de armas inaugurou a mudança do período matriarcal para o patriarcal, diminuindo a veneração pelo sexo feminino. De acordo com MURARO (1991, p. 8) “Na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira, um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho.”.

Nesse período politeísta iniciou-se o assemelhamento da mulher com a serpente que, pela mitologia grega, tinha poderes femininos e vivia tanto na água, quanto na terra. O mesmo é visto na narrativa de Sicuteri (1985) que relata que a primeira mulher existente na terra, que não admitia submissão foi transformada em serpente. A história bíblica diz que Adão e Eva foram expulsos do paraíso após Eva ter seguido os conselhos de uma serpente e experimentado o fruto proibido. Tanto a mitologia grega como as escrituras sagradas tratam a serpente como um ser manipulador e cheio de poder de persuasão, assim como as mulheres.(BORGES, Miria e PETRILLI, Laslei.2013, p.116)

Podem-se destacar vários pontos neste contexto; inicialmente, tratando das mitologias grega e judaico-cristã, pois são as mais difundidas na formação ocidental⁴.

Segundo religiões da Antiguidade em distintas partes do globo, a serpente era um dos animais fortemente associados com a Deusa e com as mitologias do Genesis, inclusive entre os povos originários da América Latina. Tal ser possui a habilidade de andar na água e na terra, troca de pele se metamorfoseando, lembra os padrões do DNA e dos rios que cortam a terra⁵. Por conseguinte, a imagem da serpente começou a ser repudiada, assim como suas características que eram associadas às mulheres e ao diabo pelas religiões monoteístas.

Na cultura grega, houve a manutenção da presença das Deusas, porém em segundo plano, já que agora havia a exaltação da força dos Deuses, sobretudo de Zeus, o Deus pai, dominador dos céus e das tempestades, que fecundavam a terra e a punia com seus raios. Possuía ainda, a habilidade de se transformar em animais, seduzir e violentar deusas e mortais, mantendo a admiração desses.

No entanto, as figuras femininas que tinham semelhantes poderes e habilidades eram descritas como luxuriosas, enfurecidas, causadoras de problemas. Analisando coletâneas como a de Martha Robles (2019) há exemplos como: Pandora; que espalha os males despertados pela curiosidade e vontade de conhecimento, Afrodite que causa encrencas devido a sua sensualidade, Medusa violentada e amaldiçoada, Medéia devorada, dentre tantas outras.

Então, partindo para a ascensão das religiões monoteístas, a figura feminina é progressivamente diminuída. No judaísmo, onde é mencionada a figura de Lilith que teria sido a primeira mulher de Adão, as histórias⁶ narram que Lilith foi criada da mesma matéria que Adão, e não aceitou ser submissa a ele nem mesmo no ato sexual; então pronunciou o nome inefável de Deus e fugiu do paraíso.

Segundo estudiosos, o culto à Lilith seria associado novamente ao culto das Deusas da Antiguidade. Tais narrativas teriam sido distorcidas das narrativas

⁴ Ver estudo aprofundado sobre as religiões patriarcais e os arquétipos das mulheres que desafiaram tais ordens em “Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal” de Aline Layane da Silva.

⁵ Sobre o simbolismo da serpente ligado ao mito da criação ver vídeo “A Serpente e a canoa” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>. Acesso em 29 de abril de 2022.

⁶ Para análise mais aprofundada ver: O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. De Antônio Maspoli e Vanessa Ponstinnicoff.

sumério-babilônicas pelas novas religiões, transformando a devoção a essa face da Deusa em temor.

Assim, Lilith começa a ser vista como “mãe dos demônios”, esposa de Lúcifer, *succubus* que copulava com anjos caídos e que seduzia os homens em seus sonhos noturnos levando-os a perdição, e até como a serpente que desviou Eva. Dessa maneira, novamente é notável a estigmatização da sexualidade feminina e a punição dos que buscam por igualdade.

Em breve análise, é possível observar novamente o padrão de temor do homem pelo feminino que se rebela, que questiona a ordem instaurada como natural. Assim como uma espécie de inveja e rejeição pela mesma, visto que em tais mitologias a mulher que detém o poder e conhecimentos que não podem ser controlados pelo homem é relegada ao exílio, castigo e até a morte.

É importante lembrar-se de uma figura religiosa extremamente forte e perseguida no Brasil: a Pomba-Gira. Essa entidade aparece em religiões de matriz africana; é descrita como “rainha da noite e das encruzilhadas”, “exu-mulher”, que gargalha alto, não tem medo dos homens e pode até controla-los, possui vários amantes, conhecedora da magia, além de uma série de associações com as cores vermelho e preto, o número sete e o submundo. Muitas das lendas de pombas-gira contam que em outras vidas elas teriam sido perseguidas e mortas como bruxas. Mas, o destaque vai para o fato do enorme estigma sob a entidade no Brasil, que é descrita muitas vezes como mera prostituta, associada às trevas e ao demônio, assim como quem a cultua.

Ainda sobre práticas e características voltadas ao culto da Deusa na Antiga Religião, havia a Deusa tríplice representada como a Donzela (virgem), Mãe (criadora) e Anciã (feiticeira); devido à determinação da virgindade e monogamia para manutenção da nova ordem social instituída (patriarcado monoteísta) a característica de “virgem” foi descaracterizada deixando de ser associada à liberdade, passando a ser associada ao celibato. Da mesma forma as atividades que eram consideradas sacerdotais e sagradas realizadas pelas “Prostitutas Sagradas”⁷ foram estigmatizadas e perseguidas pela Igreja, passando a ser algo profano ao

⁷ Sobre a figura da Prostituta Sagrada ver o artigo “Prostituição Feminina: de Deusas a Profanas” de BORGES, Miria e PETRIELLI, Laslei.

mesmo tempo em que são modificadas, para ser veladamente exploradas pelos homens:

Dentro de nossa compreensão moderna, é paradoxal ver a deusa como virginal, se ela é identificada com paixão e amantes múltiplos. Mas não há paradoxo; em latim, virgo significa solteira, enquanto que virgo intacta refere-se a falta de experiência sexual. Hoje em dia, a palavra “virgem” encerra apenas o último significado. O atributo virginal da deusa simplesmente significa que ela não pertence a homem algum; ela pertence a si mesma. (QUALLS-CORBERTT, 1990, p. 75 apud).

Continuando sobre a construção do imaginário popular a partir da mitologia cristã, Miria e Laslei trazem a seguinte reflexão a respeito da criação de Eva e o pecado original, como da assexualidade de Maria:

De acordo com o cristianismo, a mulher foi criada para que o homem não ficasse sozinho. Nascida da costela de Adão, um ser puro e perfeito, passa a ser considerada parte do homem (ABUD, 2008). Na religião cristã a adoração à mulher é substituída pela adoração a Deus – se o cristianismo atribuiu à mulher a culpa do pecado, a sua redenção foi o enaltecimento de Maria mãe de Jesus Cristo, como exemplo a ser seguido por ser mulher pura, virgem, obediente e mãe. Maria é vista pela igreja como ser assexuado que engravidou de um Deus (CAMPOS, 2010). A sexualidade, antes praticada em rituais mágicos, passa a ser condenada pela Igreja Católica, que estabelece que sexo só poderia ser praticado sem pecado depois do casamento ficando proibidas as relações sexuais livres (FARINHA, 2009). (ABUD, 2008; CAMPOS, 2010 E FARINHA, 2009 apud BORGES, Miria e PETRILLI, Laslei. 2013, p.118).

Tratando agora do período de transição entre feudalismo e capitalismo, cujas instituições sociais como: Estado, Família e Igreja ascenderam e se solidificaram ao mesmo tempo em que os valores patriarcais imperavam moldando o mundo capitalista de vez.

No período pré-capitalista de transição não havia igualdade entre homens e mulheres, de fato, mas havia o acesso das mesmas as terras e trabalho, agrupamentos sociais que seguiam suas influências (por exemplo, as curandeiras, parteiras, tecelãs, benzedadeiras etc.) tinham suas redes de proteção, e, além disso, com a chamada transição do final do feudalismo, houve o surgimento de novos grupos e o aumento do poder das mulheres em várias esferas inclusive com a prática de diversos ofícios até nas cidades. Em resposta a esses eventos ocorreu uma exclusão das mulheres de atividades monetárias e trabalhos socialmente aceitos.

Esta foi uma derrota histórica para as mulheres. Com sua expulsão dos ofícios e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminilizada e, para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo-se as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens. O fato de que as relações de poder desiguais entre mulheres e

homens existiam mesmo antes do advento do capitalismo, assim como uma divisão sexual do trabalho discriminatória, não foge a esta avaliação. Isso porque, na Europa pré-capitalista, a subordinação das mulheres aos homens esteve atenuada pelo fato de que elas tinham acesso às terras e a outros bens comuns, enquanto, no novo regime capitalista, as próprias mulheres se tornaram bens comuns, dado que seu trabalho foi definido como um recurso natural, que estava fora da esfera das relações de mercado. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.174-175).

Segundo Federici, somado a essa ascensão do poder feminino, inclusive dentro dos movimentos heréticos, a praga se disseminou pela Europa gerando um enorme déficit populacional. Além da praga, a pobreza e desnutrição causaram aumento na queda populacional, um dos modos de explicar esses fenômenos e ter o controle sobre a natalidade seria responsabilizando as “bruxas”.

[...] a principal iniciativa do Estado com o fim de restaurar a proporção populacional desejada, foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução. Como veremos mais adiante, essa guerra foi travada principalmente por meio da caça às bruxas, que literalmente demonizou qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não procriativa, ao mesmo tempo em que acusava as mulheres de sacrificar crianças para o demônio. (FEDERICI, Silvia. 2004 p. 156).

Em nota, Federici traz a seguinte observação sobre a perseguição as praticantes da “Antiga Religião” que alguns autores consideram serem as primeiras bruxas:

26. A tese de Murray foi revisitada nos últimos anos, graças ao renovado interesse das eco feministas pela relação entre as mulheres e a natureza nas primeiras sociedades matrifocais. Entre as que interpretaram as bruxas como defensoras de uma antiga religião ginocêntrica que idolatrava as potências reprodutivas se encontra Mary Condren. Em *The Serpent and the Goddess* (1989), Condren sustenta que a caça às bruxas foi parte de um longo processo em que o cristianismo deslocou as sacerdotisas da antiga religião, afirmando, à princípio, que estas usavam seus poderes para propósitos malignos e negando, depois, que tivessem semelhantes poderes (Condren, 1989, p. 806). Um dos argumentos mais interessantes aos que recorre Condren neste contexto está relacionado com a conexão entre a perseguição às bruxas e a intenção dos sacerdotes cristãos de se apropriarem dos poderes reprodutivos das mulheres. Condren mostra como os sacerdotes participaram em uma verdadeira concorrência com as “mulheres sábias”, realizando milagres reprodutivos, fazendo com que mulheres estéreis ficassem grávidas, mudando o sexo de bebês, realizando abortos sobrenaturais e, por ultimo, mas não menos importante, dando abrigo a crianças abandonadas (CONDREN.1989, p. 845 apud FEDERICI, SIVIA. 2004. p.389-390).

Sobre as práticas que visavam expor a domesticação da mulher:

Para sustentar esse projeto foram usadas “campanhas de terror” junto a população, usando a degradação da imagem da mulher desde as obras literárias, campanhas misóginas pregadas nas igrejas até a castigos e execuções públicas. Na Europa da Era da Razão, eram colocadas

focinheiras nas mulheres acusadas de serem desbocadas, como se fossem cachorros, e elas eram exibidas pelas ruas; as prostitutas eram açoitadas ou enjauladas e submetidas a simulações de afogamentos, ao passo que se instaurava pena de morte para mulheres condenadas por adultério (Underdown, 1985a, p. 117 e ss apud FEDERICI, Silvia. 2004, p.184)

A “infantilização legal da mulher”, sua exclusão de ofícios e até de espaços foi responsável por apaziguar rebeldes, enquanto fixava as mulheres ao trabalho reprodutivo não remunerado assim como no “trabalho mal remunerado na indústria artesanal doméstica”. No contexto atual observa-se emergir a discussão, sobre as jornadas múltiplas de trabalho feminino, sobretudo para aquelas que trabalham fora de casa e que sofrem com o apontamento de não estarem cuidando direito do marido, da casa, dos filhos ou de si mesmas. Fatos estes, que muitas vezes servem como desculpa para justificar o abandono do parceiro e sua busca por uma “esposa melhor, mais nova etc.”. Em paralelo a isso, Federici trata sobre a construção desse pensamento “Aqueles que ousaram trabalhar fora do lar, em um espaço público e para o mercado, foram representadas como megeras sexualmente agressivas ou até mesmo como putas ou bruxas.”. (Howell, 1986, p. 182-183 apud FEDERICI, Silvia. 2004, p.171).

Então, entender os símbolos e engrenagens pelas quais o capitalismo se consolidou assim como discuti-los é necessário na medida em que esse sistema de exploração compulsória controla o mundo até hoje.

[...] mulheres por trás do disfarce da inferioridade natural permitiu ao capitalismo ampliar imensamente “a parte não remunerada do dia de trabalho” e usar o salário (masculino) para acumular trabalho feminino. Em muitos casos, serviram também para desviar o antagonismo de classe para um antagonismo entre homens e mulheres. Dessa forma, a acumulação primitiva foi, sobretudo, uma acumulação de diferenças, desigualdade, hierarquias e divisões que separaram os trabalhadores entre si e, inclusive, alienaram a eles mesmos. Como vimos, os trabalhadores homens foram frequentemente cúmplices deste processo, tendo em vista que tentaram manter seu poder com relação ao capital, por meio da desvalorização e da disciplina das mulheres, das crianças e das populações colonizadas pela classe capitalista. (FEDERICI, Silvia. 2004 p.310).

A Segregação foi implantada no comportamento e relações sociais, o grupo perseguido muda a roupagem, mas será sempre o detentor da força capaz de derrubar o poder do capital.

Como foi dito, a luta contra as mulheres foi um laboratório para expandir a dominação da força de trabalho local e então pelas colônias escravizadas. É possível afirmar que a perseguição das bruxas acontece até hoje na América Latina

e em outras ex-colônias, tanto de forma simbólica pelas práticas implantadas desde o período citado nas populações dominadas, na perseguição de corpos, culturas e etnias quanto literalmente. Tais perseguições carregam também alto teor de intolerância religiosa e racismo, por exemplo, no caso do Brasil todos os anos surgem notícias de ataques, sobretudo contra mulheres que frequentam os chamados “terreiros”, espaços onde se costuma ocorrer os cultos de religiões de matriz africana.

Sobre isso, Federici comenta:

Esses assassinatos se deram no contexto da crise social causada tanto pelo ataque das autoridades coloniais contra as comunidades que viviam nos bosques – nas quais as mulheres tinham um maior grau de poder que nas sociedades de casta, em que moravam nas planícies – como pela desvalorização colonial do poder feminino, que teve como resultado o declínio do culto das deusas (ibidem, p. 13940). A caça às bruxas também ocorreu na África, onde sobrevive até hoje como um instrumento chave de divisão em muitos países (...). Na década de 1980, na Nigéria, meninas inocentes confessavam ter matado dezenas de pessoas, enquanto que em outros países africanos foram encaminhadas aos governantes petições a fim de que as bruxas fossem perseguidas com maior rigor. Enquanto isso, na África do Sul e no Brasil, mulheres idosas foram assassinadas por vizinhos e parentes sob a acusação de bruxaria. (FEDERICI, Silvia.2004, p. 429-430).

A Bruxa sempre será a “minoria”; o marginal, mestiço, estrangeiro, pobre, gay, selvagem, pagão, a massa, a mulher.

Todavia, a bruxa não era só a parteira, a mulher que evitava a maternidade, ou a mendiga que, a duras penas, ganhava a vida roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos. Também era a mulher libertina e promíscua — a prostituta ou a adúltera e, em geral, a mulher que praticava sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Por isso, nos julgamentos por bruxaria, a “má reputação” era prova da culpa. A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura. Aqui, a expressão “rebelde” não se refere necessariamente a nenhuma atividade subversiva específica na qual pode estar envolvida uma mulher. Pelo contrário, descreve a personalidade feminina que se havia desenvolvido, especialmente entre o campesinato, no contexto da luta contra o poder feudal, quando as mulheres atuaram à frente dos movimentos heréticos, muitas vezes organizadas em associações femininas, apresentando um desafio crescente à autoridade masculina e à Igreja. (FEDERICI, Silvia.2004, p. 335-336).

Nesse contexto, a Inquisição foi instaurada punindo as mulheres acima de tudo. Os castigos e torturas aplicados nos interrogatórios visavam também dar um exemplo à população do que ocorria com mulheres rebeldes e subversivas.

As formas de torturas obrigavam muitas delas a fazerem confissões detalhadas de orgias praticadas com o diabo para poderem cessar com as dores.

Essas práticas eram uma verdadeira galeria de perversões masculinas, que agora podiam ser legitimamente praticadas em nome da santa Igreja e como serviço social.

De acordo com o procedimento padrão, as acusadas eram despidas e depiladas completamente (se dizia que o demônio se escondia entre seus cabelos); depois, eram furadas com longas agulhas por todo seu corpo, inclusive suas vaginas, em busca do sinal com o qual o diabo supostamente marcava suas criaturas (tal como os patrões na Inglaterra faziam com os escravos fugitivos). Muitas vezes, elas eram estupradas; investigava-se se eram ou não virgens — um sinal da sua inocência; e, se não confessavam, eram submetidas a ordálias ainda mais atrozes: seus membros eram arrancados, sentavam-nas em cadeiras de ferro embaixo das quais se acendia fogo; seus ossos eram esmagados. E quando eram enforcadas ou queimadas, tomava-se cuidado para que a lição a ser extraída de sua pena não fosse ignorada.

A execução era um importante evento público que todos os membros da comunidade deviam presenciar, inclusive os filhos das bruxas, e especialmente suas filhas que, em alguns casos, eram açoitadas em frente à fogueira na qual podiam ver sua mãe ardendo viva. A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, demonizá-las e destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras, nas quais as bruxas morreram, onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.337-338)

Então a sexualidade feminina virou o símbolo da bestialidade, não importando a idade da mulher, mas, levando em consideração a sua classe social. No tocante as práticas sexuais a Igreja ainda fomentou as seguintes repressões descritas no trecho:

Os juízos por bruxaria fornecem uma lista informativa das formas de sexualidade que estavam proibidas, na medida em que eram “não produtivas”: a homossexualidade, o sexo entre jovens e velhos, o sexo entre pessoas de classes diferentes, o coito anal, o coito por trás (acreditava-se que levava a relações estéreis), a nudez e as danças. Também estava proscrita a sexualidade pública e coletiva que prevaleceu durante a Idade Média, como ocorria nos festivais de primavera de origem pagã que, no século XVI, ainda se celebravam em toda Europa. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.354).

Ressaltando o enorme contraste com as sociedades matrifocais, já descritas como baseadas em redes de cooperação e cuidado, de veneração aos ciclos da vida e saberes ancestrais, a Inquisição instaurou ainda a rejeição da velhice, já que a parte da população nesse estágio além de terem influência sob as comunidades locais, em tese não possuíam força de trabalho e deviam ser descartados.

Muitas mulheres acusadas e processadas por bruxaria eram velhas e pobres. Dependiam com frequência da caridade pública para sobreviver. A bruxaria —segundo dizem — é a arma daqueles que não têm poder. Mas as mulheres mais velhas eram também mais propensas que qualquer outra pessoa na comunidade a resistir à destruição das relações comunais causada pela difusão das relações capitalistas. Elas encarnavam o saber e a memória da comunidade. A caça às bruxas inverteu a imagem da mulher

velha: tradicionalmente considerada uma mulher sábia, ela se tornou um símbolo de esterilidade e de hostilidade à vida. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.352-353)

Dessa forma, ainda segundo Silvia (2004), a classe dominante reprimia não só as mulheres, mas sim todas as classes baixas. Era incentivado culpabilizar a bruxa pelos que haviam sido empobrecidos, perdido a colheita e assim por diante, temer o poder que as “castradoras promiscuas” haviam conquistado contra as autoridades como sendo um poder de dominação contra os homens.

Também foi proibido o conhecimento atrelado à figura da mulher e da natureza, que só eram veneradas quando a manifestação se desse no homem, por exemplo, a perseguição das práticas de atividades medicinais transmitidas por parteiras e curandeiras entre as gerações, em contraponto a medicina masculinizada, e a magia cerimonial praticada nas cortes pelos magos e pela Igreja. A supremacia do homem na ciência dificultava a análise sobre o corpo feminino, houve épocas em que os diagnósticos dado as mulheres para qualquer problema eram classificados como “histeria”, ou ainda, quando a medicina oficializada dos homens falhava, apelava-se novamente para a narrativa de “possessão demoníaca”. Em suma, são inumeráveis as manifestações histórico-culturais que tem os seus fragmentos procurados há pouco tempo.

Fora da Europa, a colonização quase extinguiu as populações locais onde se deu, aos que resistiram foram impostos novos valores e aplicados o mesmo raciocínio da Inquisição, que proibia os cultos locais, tratava a população nativa como animalasca, o poder social das mulheres e conhecimentos medicinais como bruxaria associados ao diabo (mesmo estes conceitos sendo desconhecidos pelo imaginário daquela população, que foram cristianizadas a força), tentaram inclusive ensinar aos homens que enquanto chefes do lar deviam castigar fisicamente as crianças e mulheres.

Em paralelo à toda a perseguição descrita até agora, se deu o tráfico de escravos nas colônias, os novos alvos da perseguição que substituíram a falta de mão de obra :

[...] a sexualização exagerada das mulheres e dos homens negros — as bruxas e os demônios— também deve ter como origem a posição que ocupavam na divisão internacional do trabalho que surgiu a partir da colonização da América, o tráfico de escravos e a caça às bruxas. A definição de negritude e de feminilidade como marcas da bestialidade e irracionalidade era correspondente à exclusão das mulheres na Europa, assim como das mulheres e dos homens nas colônias, devido ao contrato

social implícito no salário e à consequente naturalização de sua exploração. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.364-365).

Para escravos e nativos, sobretudo as mulheres desses grupos, eram impostas as mesmas torturas físicas que foram elaboradas na Inquisição, se davam pouca comida, haviam recorrentes estupros, humilhações públicas, além da proibição de seus cultos. Como também, era incentivado o ódio entre pessoas etnicamente diferentes, no entanto, sabe-se de exceções que foram fundamentais para a construção de intercâmbios culturais que se davam diversas vezes entre grupos de mulheres e foram capazes de assegurar a sua resistência. No entanto, havia uma diferença no tocante aos escravos, que além de terem sido arrancados de suas terras natais tinham seus corpos e seus filhos comercializados escancaradamente, além de serem descritos como criaturas sem alma.

Enquanto isso, nos lares burgueses que se formavam tanto na Europa como posteriormente nas colônias, as mulheres que tinham o papel de reprodutoras tanto nas sociedades agropastoris como nas industriais, agora tinham ainda obrigação de se portar como a esposa perfeita, o enfeite do marido e do lar, a cuidadora por natureza, o símbolo máximo da amabilidade domesticável e civilização que era supervisionada pelo marido, o representante do Estado.

Para se enquadrar na camada em ascensão e mostrar que possuía um lar próspero, a mulher devia ser bela, recatada e possuir qualidades que ornassem com a vida doméstica, por exemplo, se tivesse habilidade com as artes seria para entreter o marido e seus convidados ou decorar a casa. Deveria andar calmamente, estar sempre arrumada, falar baixo e pouco, como também, para sinalizar um lar abençoado e afortunado a esposa deveria ostentar a riqueza do marido. Sumariamente, o consumo cada vez mais exacerbado faz a roda do capital girar e desequilibra drasticamente o mundo e as pessoas.

As características femininas aceitas são apenas as que agradam os homens, estabelecendo assim a definição da feminilidade ligada a padrões de castidade, infantilidade e submissão. Tudo que outrora foi ligado ao passado matrístico sofreu a tentativa de ser inferiorizado, temido, isolado e dominado. Nesse sentido, lista-se a natureza, os animais, a noite, as trevas, a velhice, a terra, o subterrâneo, a subjetividade, o emocional, os contos de fada e uma infinidade de elementos que remetessem ao universo do feminino proscrito. Até hoje, o lado feminino presente na psique masculina é reprimido, ou sequer mencionado.

2.1 A Mulher Selvagem

Em *Mulheres que correm com os lobos*, Estés mostra como uma mulher, independente da sua origem e cultura, pode encontrar através das histórias, mitos e contos de fadas o caminho para o conhecimento do seu *Self Selvagem*, a sua psique natural. Ela usa a linha da psicologia analítica junguiana unida com as tradições das “cantadoras” de histórias, (contadoras e guardiãs das histórias) mostrando que estas funcionam como “bálsamos medicinais”, sendo capazes de curar cicatrizes psicológicas e contendo instruções que aproximam a mulher do seu ser feminino selvagem e profundo.

A respeito das histórias tradicionais Ailton Krenak discorre na obra “A vida não é útil”:

Nossos parentes Tukano, Desana, Baniwa contam histórias de um tempo antes do tempo. Essas narrativas, que são plurais, os maias e outros ameríndios também têm. São histórias de antes de este mundo existir e que, inclusive, aludem à sua duração. A proximidade com essas narrativas expande muito nosso sentido de ser, nos tira o medo e também o preconceito contra os outros seres. Os outros seres são junto conosco, e a recriação do mundo é um evento possível o tempo inteiro. (KRENAK, AILTON. 2020, p.33).

A Mulher Selvagem aparece com diferentes aspectos que se interligam e tem um leque de significados; ela é a Velha, a Deusa da Vida-morte-vida, a Potência da Donzela e a Mãe das criações, em amplo sentido. O termo “mulher selvagem” nomeia a força vital inata, ou alma, que em correntes da psicologia é classificado como *id*, *self* ou natureza medial. A autora ainda ressalta que, o termo selvagem remete ao natural e a essência e não ao significado pejorativo ligado a alguns usos da palavra.

Silvia Federici cita sobre o tema:

A mulher enquanto bruxa sustenta Merchant, foi perseguida como a encarnação do “lado selvagem” da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrolável e, portanto, antagônico ao projeto assumido pela nova ciência. (FEDERICI, SILVIA. 2004.p 369).

Tratando da inferiorização construída sobre a “natureza feminina”:

Como a nova divisão sexual do trabalho reconfigurou as relações entre homens e mulheres é algo que se pode ver a partir do amplo debate que foi travado na literatura erudita e popular acerca da natureza das virtudes e dos vícios femininos, um dos principais caminhos para a redefinição ideológica das relações de gênero na transição para o capitalismo. (...) foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens – excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar – e

tinham que ser colocadas sob o controle masculino.(...) As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que, ao lado da “desbocada”, da “bruxa” e da “puta”, era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.182-183).

Em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* Vol. 9/1, Carl Gustav Jung; define arquétipo como “conjuntos de imagens primordiais” armazenadas em um “inconsciente coletivo”, uma camada na psique que é inata aos seres humanos, essas imagens originam-se de experiências ao longo das gerações que se repetem, gerando aprendizados que aproximam o indivíduo do próprio *Self*. Assim, os arquétipos podem ser vistos como condutores da conexão do ser humano com o conhecimento ancestral da humanidade.

A respeito da tentativa de domesticação do feminino e o inconsciente coletivo, Federeci comenta:

A definição das mulheres como seres demoníacos e as práticas atrozes e humilhantes a que muitas delas foram submetidas deixou marcas indeléveis em sua psique coletiva e em seu senso de possibilidades. De todos os pontos de vista — social, econômico, cultural, político — a caça às bruxas foi um momento decisivo na vida das mulheres; foi o equivalente à derrota histórica a que alude Engels na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1884), como causa do desmoronamento do mundo matriarcal, visto que a caça às bruxas destruiu todo um universo de práticas femininas, relações coletivas e sistemas de conhecimento que haviam sido a base do poder das mulheres na Europa pré-capitalista, assim como a condição necessária para sua resistência na luta contra o feudalismo. A partir desta derrota, surgiu um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, de poucas palavras, sempre ocupada com suas tarefas e casta. Esta mudança começou no final do século XVII, depois de as mulheres terem sido submetidas a mais de dois séculos de terrorismo de Estado. Uma vez que as mulheres foram derrotadas, a imagem da feminilidade construída na “transição” foi descartada como uma ferramenta desnecessária e uma nova, domesticada, ocupou seu lugar. Embora na época da caça às bruxas as mulheres tenham sido retratadas como seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas, incapazes de se controlarem, no século XVIII, o cânone foi revertido. Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influência positiva sobre eles. (FEDERICI, Silvia. 2004,p.186-187).

Em suas análises sobre o *numem* feminino, e a reconexão com o self instintivo, Clarissa Éstes descreve como a mulher é capaz de expandir sua consciência, usando as metáforas contidas nos contos como a da noite estrelada; onde as estrelas são os olhos, e a mulher que vê com a intuição possuiria então um céu estrelado. E também usa os mitos da Lá Que Sabé; que teria dado vida às

mulheres com a pele de seu pé, citando também as mulheres de tribos que comparam usar sapatos com vender os olhos.

Traçando um paralelo com essa visão, e atentando novamente para o fato de que o ataque contra as mulheres e a polaridade feminina na psique está diretamente relacionado com a exploração de povos, culturas e da natureza; em *Calibã* e *a Bruxa* se explica como tal dominação é feita a partir da descaracterização, “demonização”, trituração e aglutinação dos sujeitos. Como por exemplo, as colonizações e por consequência o eurocentrismo; que de diversas formas tentaram apagar a história, os costumes e características das populações perseguidas. Tratando disso, pode-se dialogar com a seguinte passagem de “Ideias para adiar o fim do mundo”:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. (KRENAK, AILTON. 2019, p 21).

Dialogando com a linha de Krenak, sobre a alienação do ser humano em relação à natureza, tanto interior quanto exterior, Silvia Federici traz:

Na tentativa de formar um novo tipo de indivíduo, a burguesia estabeleceu esta batalha contra o corpo que se converteu em sua marca histórica. De acordo com Max Weber, a reforma do corpo está no coração da ética burguesa porque o capitalismo faz da aquisição “o objetivo final da vida”, em vez de trata-la como meio para satisfazer nossas necessidades; para tanto, necessita que percamos o direito a qualquer forma espontânea de desfrutar a vida (Weber, 1958, p. 53). O capitalismo tenta também superar nosso “estado natural” ao romper as barreiras da natureza e ao estender o dia de trabalho para além dos limites definidos pela luz solar, dos ciclos das estações e mesmo do corpo, tal como estavam constituídos na sociedade pré-industrial. (FEDERICI, Silvia. 2004, p.240).

Federici afirma ainda que, “o corpo foi a primeira máquina do capitalismo”, muitos autores teorizaram sobre o corpo ser a “prisão da alma racional”, exemplificando, reprovavam as características humanas instintivas e naturais que se assemelhassem com a dos animais. Paralelamente aos adventos já mencionados de estruturação do capitalismo houve o chamado “desencantamento das forças ocultas do corpo”, pois as crenças em magias fomentavam “o obstáculo para a racionalização do processo de trabalho” e estimulavam a insubordinação.

A magia constituía também um obstáculo para a racionalização do processo de trabalho e uma ameaça para o estabelecimento do princípio da responsabilidade individual. Sobretudo, a magia parecia uma forma de rejeição do trabalho, de insubordinação, e um instrumento de resistência de base ao poder. O mundo devia ser “desencantado” para poder ser dominado. (FEDERICI, Silvia. 2004. P.317).

Com isso, as batalhas instituídas sobre tantas esferas se estendeu também sobre o corpo e ela continua até hoje. Essa desvinculação dos seres humanos com as esferas naturais tem provocado doenças tanto nas pessoas quanto no planeta. Em Ideias para adiar o fim do mundo, Ailton Krenak coloca:

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, AILTON. 2019, p.13).

Sobre a marginalização dos que defendem a humanidade como parte da Natureza:

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. Tem alguma coisa dessas camadas que é quase-humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida.” (KRENAK, AILTON. 2019, p.46).

Para alguns parece soar repetitivo enfatizar a urgência da percepção de temas como o assassinato de povos, da terra, de diversas formas de vida que passam despercebidas aos olhos de quem está com pressa para o trabalho, e que também são vítimas dessa máquina, no entanto, o despertar precisa ocorrer para além do *modus operandi* da produtividade e consumo em que a maioria das pessoas estão inseridas. Assim, Krenak traz:

Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que

vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”. Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (KRENAK, AILTON. 2019, p.76).

Com o rebaixamento daquilo que foi entendido como conteúdo de magia, folclore, superstição e etc. foram também relegados à segundo plano a percepção e conhecimento dos Símbolos que rodeiam o mundo e vida. E assim, empurrado para debaixo do tapete até o entendimento que o ser humano tem de si mesmo e da natureza, no entanto, os símbolos são dotados de uma potência que vibra e grita, ativando camadas psicológicas específicas mesmo naqueles que nunca os estudaram, afinal os símbolos estão em toda parte desde o surgimento das pinturas rupestres, por exemplo.

4.3 Símbolos

Segundo Eliade, os mitos são capazes de exprimir a própria história do homem por meio de seus símbolos e imagens. (ELIADE, 1979). Assim como afirma Estés, que durante as narrativas mostra diversas vezes como os contos sofrem alterações dependendo da época, do lugar e do ouvinte. A respeito da narrativa simbólica e da psicanálise Eliade afirma:

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: põr a nu as mais secretas modalidades do ser. (MIRCEA, Eliade. 1979, p.13)

No seguinte trecho de “Calibã e a bruxa” é claro o uso dos símbolos como estratégia de dominação através da degradação dos mesmos:

A caça às bruxas inverteu a relação de poder entre o diabo e a bruxa. Agora, a mulher era a criada, a escrava, o súcubo de corpo e alma, enquanto o diabo era, ao mesmo tempo, seu dono e senhor, cafetão e marido. (...) bruxas com a afirmação da supremacia masculina pode ser constatado pelo fato de que, até mesmo quando se rebelavam contra as leis humanas e divinas, as mulheres tinham que ser retratadas como subservientes a um homem e o ponto culminante de sua rebelião — o famoso pacto com o diabo — devia ser representado como um contrato de casamento pervertido.

Outros homens aproveitaram o clima de suspeita que rondava as mulheres para se livrar de suas esposas e amantes indesejadas, ou para debilitar a vingança das mulheres a que tinham estuprado ou seduzido. (FEDERICI, Sílvia. 2004, p.343-345).

O uso da distorção dos simbolismos e imagens desse período pode ser observado nas descrições dos Sabás das bruxas – que na realidade foi também uma perseguição aos agrupamentos dos insurgentes, sobretudo camponeses pobres e revoltos; nesses eventos além das descrições de simbolismos fálicos, práticas ritualísticas pagãs que eram igualadas a comportamentos bestiais, havia destaque para o cenário do Banquete, que é central nas representações dos acusadores como uma forma de afronta numa época de fome, a descrição do evento era completada com relatos de orgias com animais realizadas durante o mesmo.

A presença dos animais no mundo das bruxas era tamanha que devemos presumir que eles também estavam sendo julgados. Numa época em que se começava a adorar a Razão e a dissociar o humano do corpóreo, os animais foram também sujeitos a uma drástica desvalorização — reduzidos a simples bestas, ao “Outro” máximo — símbolos perenes do pior dos instintos humanos. Para fechar esta equação, as bruxas foram frequentemente acusadas de mudar de forma e tomar a aparência animal. (FEDERICI, Sílvia. 2004, p. 353-354).

Na obra, “Ideias para adiar o fim do mundo” Krenak comenta sobre a simbologia da Mãe, que como trata Judith Butler a Igreja e o Capital subjugaram ao segundo plano:

Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça, beleza e fartura. Veja-se a imagem grega da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar. (KRENAK, AILTON. 2019, p.43).

Retomando a perspectiva de Estés em Mulheres que correm com os lobos, a autora destaca em várias passagens a potencia da conexão do indivíduo com o seu Self a partir do acesso de simbolismos presentes nos sonhos. Essa prática é defendida em diversas técnicas terapêuticas, sobretudo nas de linha junguiana; inúmeros especialistas destacam o fato de que a sociedade moderna foi perdendo a habilidade de interpretar essa linguagem primordial, no entanto, há ainda diversas culturas que cultivam tal prática, que inclusive está presente nos agrupamentos humanos desde a Pré-História. Ailton Krenak discorre a respeito tanto em “Ideias para adiar o fim do mundo” como em “A vida não é útil”:

Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, em diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia. (KRENAK, AILTON. 2019, p. 34).

Ainda sobre sonhos e sua conexão com a natureza, Krenak explica:

[...] o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho *afeta* o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível. (KRENAK, AILTON. 2020, p.21).

Krenak completa tratando da ligação dos sonhos com valorização da herança cultural dos povos, tal narrativa conversa com a psicologia de Jung:

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. (KRENAL, AILTON. 2020, p.23).

Foram selecionados os símbolos principais para a inspiração desse trabalho, que aparecem nas histórias narradas pela autora, segue a lista com seus significados centrais descritos na sua análise, e também o compilado das convergências dos mesmos, encontrados no livro Dicionário de Símbolos, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

- **Árvore:** vida, saber, cosmo vivo que se regenera, representação dos ciclos, dos elementos, contato entre o céu a terra e o subterrâneo, morada espiritual, coluna vertical, símbolo da Deusa (sobretudo as árvores frutíferas); o fruto armazena água e para muitas culturas possui alma, a floresta subterrânea representa o conhecimento feminino. A macieira florida é símbolo da donzela, do alimento da alma, o impulso criador.
- **Branco:** cor do puro, do espírito, do novo, do leite materno, terra dos mortos, albedo na alquimia.
- **Canto *hondo*:** canto profundo, expressão da alma e da criatividade;
- **Corpo:** ligação com a terra

- Círculo: símbolo usado nos antigos rituais das religiões pagãs, nas sociedades matriarcais, nas rodas xamânicas, ciclo de vida-morte-vida.
- Deusas Sujas: vem debaixo da terra, de lama fértil, sujo vem de algo obscuro do termo feitiçaria.
- Donzela sem mãos: lobo solitário; proscrito.
- Foca: Ninfas, animal difícil de capturar, inconsciente.
- Fogo: vida criativa, forja, luz, cosmo, celeste, calor, espírito, guerra e paixão, almas errantes, vermelho, raios e sol, ritos de passagem, morte e renascimento, fênix.
- Lágrimas: rio da vida, usadas para chamar os espíritos, cura, proteção.
- La que sabé: curandeira, vê com os pés e com os ovários, mais velha que o tempo, mulher das raízes.
- Lobo: Visão noturna, mítico ancestral, espírito da floresta, selvagem, fecundidade, devorador, “goela de caverna”, desejo sexual, psicopompo.
- Lua: Ritmos biológicos, transformação, Morte-vida, símbolo ritualístico, instrumento de medida universal da humanidade e natureza, Simbologia de diversas divindades femininas, mitos, folclores e deusas, das águas, fecundidade, beleza, taça da imortalidade, sonho e subconsciente, imaginação.
- Machado de prata: símbolo da Deusa (vulva, borboleta, alma), cor do luar e do mundo espiritual.
- Mãos de prata: mãos espirituais, possuem visão e cura.
- Ossos: representação física da parte “indestrutível da alma”; pois é uma das partes do corpo mais resistentes, ligação com os espíritos, com a força, com o Gênesis, materialização da vida e reprodução das espécies, em muitas culturas são feitas armas e instrumentos de ossos, dentre os povos caçadores há inúmeros rituais e lendas sobre a ressurreição tanto de animais quanto de humanos feitos com seus esqueletos.
- Preto: cor da morte, do luto, das trevas, da lama fértil, prima matéria, origem, descida espiritual, do inconsciente, da noite, Yin feminino chinês, e ao nigredo na alquimia, cor das Deusas que agem no submundo.
- Rio: a Grande Dama, Grande mãe, a Doce fenda nas coxas da terra, a vida criativa, a água representa a benção, a vida espiritual, magia e revelação, a fertilização divina e fonte de vida.

- Rio a bajo rio: seres da névoa da psique, lugar dos espíritos, abaixo do subterrâneo.
- Sangue: memória, condutor da vida, fogo, veículo da alma e do calor, também ligado à água.
- Sementes: ovários, criação, intuição, histórias.
- Sete: ciclos da lua, ciclos da vida, expressão de tempos sagrados em várias culturas, Graus celestes, estados da consciência, graus de evolução.
- Sopro: vida, Gênesis, magia, poder.
- Tambor: coração, conexão com o mundo dos espíritos.
- Terra: útero, Grande mãe, Deusa, a avó feiticeira, substância universal, prima matéria, liada a vida e ao sagrado.
- Vermelho: cor do sacrifício, cor guerreira, do poder, fúria, vida vibrante, Eros, libido, coração, sol nascente e poente, das “deusas vermelhas” e do sangue, do fogo, da Fênix, rubedo na alquimia, da pedra filosofal, é a cor ligada ao sagrado secreto, ao útero.
- Véu: traje da deusa em peregrinação, cultos antigos a Deusa, *insight* místico, proteção.

3. Mitos, Contos e Histórias

Estés estabelece o paralelo entre mulheres e lobos devido ao medo do homem da potência natural de ambas as criaturas, assim como o desejo de controlá-las, o que o levou cada vez mais a práticas que acabam com o sofrimento e morte das mesmas, assim como da natureza.

[...] Embora a caça às bruxas estivesse dirigida a uma ampla variedade de práticas femininas, foi principalmente devido a essas capacidades — como feiticeiras, curandeiras, encantadoras ou adivinhas — que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, subverter a ordem constituída.(FEDERICI,SILVIA. 2017, p.317-319)

Apresenta-se o resumo das histórias centrais selecionadas de “Mulheres que correm com os Lobos”, com suas respectivas análises percorridas com base nas explicações de Estès.

3.1 *La Loba*

A Mulher Loba é velha, de corpo gordo, “cabeluda”, e tem a tarefa de recolher ossos, ela os procura no deserto, nas montanhas e leitos de rios, sua caverna oculta possui ossos de inúmeros animais, principalmente ossos de lobos. Quando consegue reunir o esqueleto inteiro ela senta junto ao fogo e canta uma canção, então a carne da criatura vai surgindo nas costelas e pelo corpo, até a criatura reviver, conforme canta mais intensamente “até o chão do deserto estremecer”, o lobo se transforma em uma mulher enquanto corre livre.

Estés, ainda conta que La Loba é a “La Que Sabé”, é atemporal, sabe tudo sobre as mulheres, é a guardiã da alma, ela possui muitos nomes ligados a várias deusas criadoras, é descrita como “a raiz principal de todo sistema instintivo”.

Na tarefa de recolher ossos, La loba indica que deve-se procurar pela força indestrutível da vida, os ossos. Com o canto representando a voz, a expressão da alma, o sopro da vida, é possível ver a função transformadora da psique, onde aquilo que possui valor psíquico pode ser ressuscitado. Em relação a isto, há a representação do ciclo de vida-morte-vida, que aparece diversas vezes nas histórias, e que possui lições importantes sobre o restabelecimento dos ciclos internos femininos, que a propósito, coincidem com os ciclos lunares, estes por sua vez, são fundamentais nas histórias dos lobos.

Há ainda várias descrições de onde é o lar de La Loba, e como fazer para encontrá-la, bastando estar perdida ou a procura de algo, que La Loba terá “algo da alma para ensinar”. Para chegar até ela, é preciso encontrar a “voz da alma”, com a prática de qualquer atividade artística, criadora, e de alteração de consciência, por exemplo, a dança, a meditação entre outras coisas que exteriorizam a expressão do próprio ser profundo, da consciência, e assim se reconectar com a mulher selvagem revivendo suas partes psíquicas.

Esta história possui elementos centrais que se interligam nas histórias do livro, pois como a autora descreve, La Que Sabé é a curandeira, e o seu lugar na psique são as camadas profundas “onde as mulheres correm com os lobos”, onde os mundos se encontram. Assim como La Loba, Estés conta que o seu trabalho de cantadora, guardiã contadora de histórias, envolve o que ela chama de “paleomitologia e retórica dos contos de fadas”, em que ela reúne todas as versões das mesmas histórias que encontra, como ossos em um esqueleto, também

descreve que os sentimentos de desvitalidade devem ser combatidos com “escavações psíquico-arqueológicas”.

3.2 Pele de foca, Pele da Alma

Em uma noite de luar, um caçador solitário; com cicatrizes fundas de lágrimas no rosto, rema até uma velha rocha na qual dançava um grupo de mulheres nuas, que tinham a pele da cor da lua, reluzindo com gotículas prateadas. Ele viu peles de focas no chão e pegou uma delas, ao ser avistado as mulheres-focas vestiram suas peles e fugiram pela água, então ele disse à mulher que ficou sem sua pele, que só devolveria após sete anos, se ela fosse até a terra e se casasse com ele.

Os anos se passaram e eles tiveram um filho, a pele de foca não foi devolvida à mulher, assim, ela começou a ressecar e sua pele humana ia descamando e rachando, seus olhos selvagens empalideciam e mal enxergavam, suas formas arredondadas definhavam, seu cabelo caía e mesmo ao implorar, o marido não devolvia sua pele, por medo de perder a esposa. Seu filho foi acordado no meio da noite e seguiu uma foca prateada que lhe mostrava o esconderijo da pele da sua mãe. Ao acordar, ele devolve a ela sua pele, que então a veste e depois sopra ar algumas vezes enchendo os pulmões do filho. Assim, os dois mergulham fundo no mar e se encontram com a foca prateada que chamava o menino, tal foca era pai da mulher. (a autora explica que em versões antigas a foca prateada poderia ser mãe da mulher foca).

Após sete dias no abrigo subaquático, as formas arredondadas da mulher foca voltaram sua pele, olhos e cabelo brilhavam. Então o tempo do menino voltar a terra havia chegado. Na despedida, a mulher foca disse ao filho que para se encontrarem, bastava que ele tocasse nos objetos deixados por ela na terra, como as varinhas de fogo, sua faca, sua roupa ou suas esculturas de pedra, que ela sopraria o ar especial para que ele cantasse, voltasse ao mar. Ao crescer ele se tornou um tocador de tambor, cantor e contador de histórias, que diziam se encontrar com a foca *Tanqigcaq*, a brilhante sagrada.

A pele da alma é um estado de espírito, de comunhão com o próprio ser, é a chave para a volta ao habitat natural. Simbolicamente ela representa fonte de calor, proteção e visão instintiva (vide que a pele se arrepia por diversas sensações como pressentimentos), a autora lembra-se dos xamãs que usam muitas peles e penas que representam “muitos olhos” que conseguem sentir o que acontece a distância.

Na história, ocorre a captura, “perda de um tesouro fundamental”, que impede a mulher-foca de retornar ao seu lar e a faz ressecar. Esses episódios se traduzem de várias formas na vida de uma mulher, muitas coisas no modo de vida atual podem afastar alguém da sua “verdadeira pele”, como trabalho sem descanso sem tempo para si mesma, insatisfação com a cultura, repressão das próprias opiniões e sentimentos, dominação pelo ego, desvalorização da vida criativa, relacionamentos abusivos, coação dentre muitos outros motivos que restringem os impulsos naturais, e isto ocorre pela inexperiência (independente da idade), que se dá pela falta de iniciação profunda na consciência, como ocorria nas antigas tradições das sábias culturas matrilineares, no entanto, através dos saberes dos contos e do dispositivo de retorno interior seria possível achar o caminho.

A falta da pele da alma traz o rompimento com os ciclos naturais, que fazem a pessoa viver em cansaço e aridez, depressão, sentindo-se presa e sem saída. A autora ainda ressalta que não se vive o tempo todo com a “pele verdadeira”, mas a volta ao habitat natural psíquico, a solidão voluntária para o mergulho profundo no próprio self é o que recarrega a energia psicológica necessária para viver no mundo objetivo.

Para recuperar esse estado é necessário que se ouça “o chamado da mais velha”, que volte para o lar, para o santuário individual, isso se dá com a conscientização aguçada de si própria, ao se deixar guiar pela consciência (a alma) e não pelo ego, que na história é o homem solitário, ele deve estar a serviço no seu posto e não no comando, pois quando ele rouba a pele, a luz ou chama interior, o mundo objetivo é pouco desenvolvido.

Um dos pontos marcantes na análise de Estés é de que as mulheres não se dão conta de que estão em processo de “definhamento”, pois a cultura, às vezes a própria família, incentiva as mulheres a aguentarem tudo, sem reclamar, pois devem ser “boazinhas” e gentis, então elas vagueiam pelo resto da vida sem suas peles.

Assim, para trazer equilíbrio é necessário dar a luz ao que Estés chama de “criança espiritual”, para ser a ponte entre os mundos objetivo e psíquico, que ouvirá o chamado da mais velha e dará impulso para o retorno ao lar, essa criança híbrida é o que torna a mulher um ser medial, capaz de viajar entre matéria e espírito, e equilibrar as ideias e ações, o racional e sentimental. É ressaltado aqui que a volta ao lar é diferente para cada pessoa, pode ser algo de ordem sublime ou rotineiro, e

cada uma decide o tempo que necessita permanecer nesse lugar interno onde pensamentos e sentimentos podem ser mantidos sem interrupção.

Com a volta à superfície se mantém a promessa de que ao manusear suas ferramentas e talismãs ela trará o ar do mundo selvagem. Os objetos mencionados possuem também muitas simbologias; a varinha de fogo ilumina e aquece, trás vida nova ao que era velho, afasta o mal, da têmpera a materiais. A faca corta, esculpe, poda e abre. As esculturas são o contato com o místico e a lembrança do mundo selvagem. O filho cresce e se torna tocador de tambor, cantor e contador de histórias, são atos criativos que evocam a alma e os espíritos, que evocam a própria vida, a voz interior, o lar subterrâneo que trazem para superfície o “canto profundo” que sacia fome da alma.

3.3 A Donzela sem mãos

Um moleiro, enganado pelo diabo, troca a sua filha por riqueza; ela seria dentro de três anos, levada pelo diabo. No período marcado, ela se vestiu de branco, e fez um círculo à sua volta, mas o diabo não conseguiu tocá-la porque ela havia se banhado. Ele pede então que ela não se banhe, e ao tentar levá-la novamente ela chora e suas lágrimas escorrem, limpando suas mãos e afastam o diabo, que por sua vez, mandou cortá-las, só que o choro escorreu sobre suas mãos amputadas e o afastaram novamente.

Com isso, a donzela sai em peregrinação pela floresta acompanhada de um espírito branco, que a ajuda a atravessar o fosso até o jardim do rei, em que uma árvore dá seus frutos à donzela. O jardineiro, o rei e o mago se reúnem para observá-la, então ela conta ao mago que pertence ao outro mundo.

Após isso, ela se casa com o rei que dá a ela mãos de prata. E a donzela engravida, ficando sob os cuidados da mãe do rei enquanto ele vai para a guerra.

Dessa forma, o diabo aparece mais uma vez, fazendo os mensageiros dormirem perto do rio, e forja as mensagens pedindo que matem a donzela. A mãe do rei por sua vez ajuda ela escapar; enrolando o bebê junto ao peito da donzela e cobrindo-a com um véu para que ela fugisse pela floresta densa. Lá, o espírito de branco a guia para se abrigar com o povo que mora no local, onde foi recebida por outra mulher que também era um espírito de branco, lá ela fica em uma casinha por sete anos.

Ao passar dos anos suas mãos cresceram gradualmente até o tamanho normal. Nesse tempo, o rei peregrinou pela floresta sem comer ou se banhar até ser acolhido na casa que estavam a donzela e a criança; ele dormia coberto por um véu branco, e ao acordar ele os reconhece após ver as mãos de prata que estavam guardadas. E assim, eles voltam para o reino e se casam novamente.

Em breve análise, esta história elucida a trajetória de descida a floresta subterrânea, o mundo oculto do conhecimento feminino, o reino selvagem.

Há nas passagens muitos remanescentes das antigas religiões ditas “noturnas”, das culturas matriarcais, do culto as Deusas antigas, que aparecem como esqueleto primordial da história, mas ainda sim em fragmentos, pois há elementos das religiões e culturas mais recentes que se encontram sobrepostas.

Assim como nos outros contos do livro de Estés, o eixo da história está nos “ciclos de vida-morte-vida”, nas descidas e subidas entre os mundos, na aceitação da morte para criação/renascimento de uma nova vida, uma nova luz na psique, estabelecendo um paralelo com os símbolos alquímicos de *rubedo*-sacrifício, *nigredo*-perda e *albedo*-chegada da luz. Estes ciclos ocorrem na vida das mulheres a cada sete anos, em que são transformadas pela resistência.

O pacto ingenuamente aceito representa o estado de “sonambulismo em vida”, é a iniciação ao despertar. O diabo se alimenta de “luz”, ele é o predador da psique.

No referente à donzela, ela é representada pela macieira florida, tem uma representação intercambiável com os mitos ligados à Perséfone. Ela começa o conto como uma mulher não iniciada, que tem a resistência como rito de iniciação; ela se prepara para ser levada e segue rituais intuitivos, como se fossem “sussurrados por ancestrais”. Ela se banha em purificação, coloca um vestido branco - o traje de descida à terra dos mortos, traça um círculo de proteção mágica a sua volta, representando o “Pensamento Sagrado”. Ocorre então um sacrifício de sangue com o machado de prata, (presente em muitos rituais dos cultos ancestrais, simboliza a Deusa) a mutilação de membros que “sentem, aprendem, seguram, curam e veem”, e em seguida o derramar das lágrimas, que protegem, curam e purificam. É preciso salientar nessas passagens a importância dos ritos psíquicos individuais que os seres humanos realizam, e que são capazes de recarregar a energia da psique, desde os primórdios da humanidade.

Após afugentar o diabo, a donzela tem suas mãos envoltas em gaze branca, isto remete a ressurreição no mundo espiritual, e então peregrina floresta adentro, assumindo o arquétipo de “lobo solitário”, e ela se torna faminta e enegrecida pela lama. Até que um espírito branco aparece guiando-a, ele é o mensageiro da psique e esvazia o fosso, o rio dos espíritos, “dos seres da névoa da psique”, onde o corpo físico não passa sem um guia, e ela atravessa para o reino da Mãe Selvagem, onde uma árvore oferece a ela o seu próprio fruto para que ela coma do “alimento espiritual”. A árvore neste reino é a Árvore da Vida, da Morte e do Saber, Estés traça um paralelo com o Eliseu, descrito como um lugar de luz infinita e ressurreição.

Com esta passagem a donzela é vista pelo jardineiro, que cultiva a alma, o mago sábio, e o rei que é o animus da psique e “guardião do inconsciente”, este se casa com a donzela e a coroa com mãos de prata, que são mãos espirituais, possuem o conhecimento, a visão e o poder do outro mundo. O trio descrito está a serviço da Mãe Selvagem, na história ela aparece como mãe do rei.

Em seguida, a donzela engravida e o self-criança aparece como a nova vida selvagem, é um filho do espírito, o nascimento das novas ideias e desejos. Assim, o diabo aparece novamente, querendo roubar a luz e a criação da alma. O predador da psique distorce a compreensão da pessoa sobre si mesma, ela perde a percepção natural, e isso pode se dar por construções da própria cultura, essa é a troca de mensagens. Porém, a Mãe Selvagem aparece e salva a donzela, atando o bebê ao seu peito para que ele seja nutrido no caminho, e coloca sobre ela um véu de proteção. Então, há mais uma descida para a floresta, onde o espírito de branco guia a moça para a casa dos espíritos da floresta, e a donzela permanece lá durante sete anos e tem suas mãos renascidas. Por ser simbolizada pela macieira florida a donzela então encontra suas raízes nesta floresta, sua casa reino da Mulher Selvagem.

Enfim, o rei volta e passa pelo ritual de iniciação de peregrinação sagrada, para poder se unir de uma vez com a donzela e retornarem ao reino da mãe como soberanos selvagens. Assim, a psique é regida pela Mãe selvagem, o Rei animus, a Donzela iniciada e o Self-criança.

Nesta história de encontro e iniciação do Self, o ato de comer o fruto dos segredos internaliza os ciclos de vida-morte-vida na donzela, o fruto nasce, amadurece, cresce e morre deixando a semente da nova vida. O fruto, no mundo objetivo é o que mata a fome da alma, com a prática de atividades expressivas e

revitalizantes, com a expressão das próprias opiniões e a busca da própria identidade.

As diversas culturas humanas têm se transformado em muitos aspectos, mas mantêm em seu cerne nas entrelinhas o conhecimento ancestral, porém é necessário combater o predador em sociedade também, e romper com a transmissão de mensagens corrompidas, que fazem as pessoas se envergonharem de seus corpos, dos seus instintos, dos seus ciclos biológicos/psíquicos, que fazem as mulheres ignorarem todo o significado da menstruação, de seu poder interior, e que têm tentado calar as vozes por séculos, que mesmo assim deixaram pistas e marcas em sua arte, dança, música, escrita e suas descobertas científicas que até hoje lutam para sair do lugar de onde foram enterrados e trancados.

Sobre o excesso de camada civilizatória Krenak expõe:

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos. Não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso. O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom. Eles ficam horrorizados com isso, e dizem que somos preguiçosos, que não quisemos nos civilizar. Como se “civilizar-se” fosse um destino. Isso é uma religião lá deles: a religião da civilização. (KRENAK, AILTON. 2020, p.53).

Todas essas narrações não são sobre como devemos nos comportar como animais irracionais, mas sim, convergem para a necessidade de refletirmos sobre a repressão de pensamentos, sentimentos e expressões que o excesso de camadas civilizatórias traz. Repressão advinda principalmente da ascensão de sociedades de modelo patriarcal e tem imposto, sobretudo, ao conhecimento feminino e ao conhecimento da natureza, causando uma série de consequências negativas para diversas gerações. Neste contexto, o efeito danoso não é irreversível, partindo do pressuposto de que nada na psique é perdido para sempre, a chave estaria então na transformação dada pelo autoconhecimento, pelo amor à própria natureza inata, selvagem.

4. Procurando ossos - evocando arquétipos

Os primeiros passos para desenvolver a coleção foram buscar inspirações nas histórias e também inspirações na natureza, nas texturas, cores, formas, ciclos e símbolos assim como na própria subjetividade.

Durante cerca de quatro semanas passei por uma auto imersão em matas, cachoeiras e no mar, buscando por esqueletos de animais. Foram encontrados ossos de animais marinhos como peixes de diferentes espécies, siris e outros pequenos animais marinhos não identificados, além de partes de um pássaro; esses animais foram achados cavando as areias da Barra de São João-Rio de Janeiro e nas praias próximas a Unamar. Nos arredores das localizações citadas também foram encontrados um crânio de capivara, em um ponto onde o rio encontra o mar, e uma pequena cobra d'água na mata. Em outra região, ao sul de Minas Gerais, no interior de São Lourenço foram achados ossos de vaca próximos aos limites da floresta que cerca um vilarejo recém-construído, denominado pelos moradores de "IBi-Guará" em homenagem ao lobo-guará que vive na região. Andando pelas trilhas que saem da floresta e acabam perto de um pasto, um morador local encontrou um crânio de um suposto cachorro (talvez lobo filhote) que estava caído em um penhasco sobre o esqueleto de uma vaca.

Em meio ao percurso nas matas de São Lourenço, foram avistadas diversas árvores floridas, denominadas "lobeiras", com frutos conhecidos como "fruta do lobo", essas plantas são semeadas principalmente pelos lobos-guarás, que diferente dos lobos mais conhecidos (*Canis Lupus* e *Canis Rufus*), são onívoros, e necessitam biologicamente do consumo desta fruta.

O lobo-guará é endêmico da América do Sul, apesar de ser um canídeo como as espécies de lobos mais conhecidas ele atualmente é classificado na escala evolutiva pertencente ao gênero *Chrysocyon brachyurus*⁸. Esse animal, que parece uma mistura de lobo, raposa, coiote e cachorro do mato, com suas pernas alongadas e crina preta foi nomeado há séculos pelos povos indígenas Guaranis, tem hábitos solitários e crepusculares, será citado neste trabalho estabelecendo um paralelo com a história da donzela, que é representada em algumas culturas pela árvore florida, e que na versão de Estés peregrina solitária pela floresta e também encontra o "fruto da árvore selvagem".

E por fim, alguns fósseis marinhos como pedaços de corais e uma bolacha do mar foram coletadas no litoral paulista. Em todos os locais citados materiais como folhas, flores, cascas, terras, frutos, penas e etc. também foram captados.

⁸ .[fonte<https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T4819A82316878.en>. Downloaded on 25 March 2020.]

Este processo de busca de matéria-prima criativa também foi responsável por evocar e ativar os arquétipos da mulher selvagem em suas várias faces, seja a da donzela, ao entrar nas florestas, matas e águas, seja a da La Loba, ao lidar tão de perto com a morte e conseguir limpar os ossos, alguns dos quais ainda estavam em processo de decomposição (com pele, cartilagem, olhos e insetos). Todo este percurso propiciou o aguçamento do olhar e da mente para ver como Lá Que Sabé, sentir o fogo criativo dando a luz á criações como tantos exemplos das Deusas Mães Selvagens.

Duas das muitas histórias que também foram recordadas paralelamente as escavações e limpeza dos materiais encontrados foi a de "Vasalisa" que usa a intuição para cumprir tarefas designadas pela face sombria da Mulher Selvagem (Baba Yaga), dentro da floresta. Como também uma das versões de "La Llorona" em que ela procura em um rio de águas poluídas pelos espíritos dos filhos, pois em alguns pontos dos rios visitados no Rio de Janeiro, as margens estavam poluídas pela população e por descarte irregular dos pescadores locais.

Alguns dos ossos não resistiram ao processo de limpeza, feitos para remover impurezas e agentes patológicos, e permaneceram impregnados ou impróprios para o uso. Esses ossos foram cremados em respeito aos animais, e as chamas deram inspiração as etapas seguintes do projeto.

É importante ressaltar que os ossos usados neste trabalho foram encontrados na natureza como já mencionado, a causa da morte de alguns foi provavelmente fruto da interferência humana, enquanto outros são de causa desconhecida e provavelmente natural. A autora é contra a exploração da vida animal para fins estéticos, criativos, etc.

5. Coleção

Todas as imagens deste trabalho fazem parte do acervo pessoal da autora. A fim de uma visualização mais ampla e completa desse conteúdo, escreva para o e-mail "bbtmes@gmail.com" ou acessar o link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1oblEvLxDgMD5N5oHsfgCVpg-HWzmFp4y?usp=sharing>

5.1 Experimentos e maquetes têxteis

Figura 1: Conjunto de materiais coletados



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 2: Experimento inicial - bordado intuição e alquimia.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva

Figura 3: Figura 3: Figura 3: Figura 3: Olhos esculpidos em porcelana fria e gaze - ver com a Intuição dos Ancestrais



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 4: Ilusão de Ótica: mulher/digital/vibrações/ linhas de tronco cortado.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 5: Árvore da Vida- tecido chiffon e porcelana fria moldada.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 6: Imagem 4: Círculo de proteção e dos espíritos- baseado na história da donzela sem mãos. Tecido moldado com resina e pressão.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 7: Deusa em Albedo/ Sacerdotisa. Composição com máscara e olhos em porcelana fria, gaze e tecido de algodão. Miçangas, linhas, fitas de barra e barbante trançado.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 8: Olho esculpido sob osso com miçangas.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 9: Algodão moldado e engomado com diferentes faces dos espíritos ancestrais das Deusas e mulheres.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 10: Espírito surgindo do osso esculpido.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 11: Tecido ornado com guizos, ossos e texturas. Inspiração na invocação dos espíritos, na face vermelha da Deusa e sangue.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 12: Círculo da vida, fertilidade e citação dos “olhos nos ovários” da descrição de Estés.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 13: Face Vermelha da Deusa- Veludo moldado e engomado



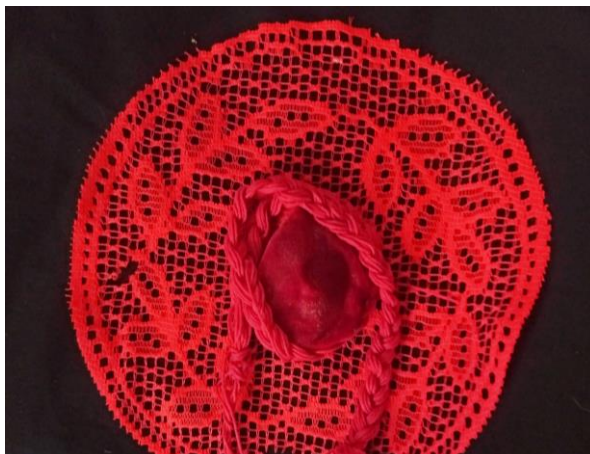
Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 14: Tecidos tingidos com terra dos lugares em que os ossos foram coletados e pintura com tinta de tecido da Deusa-mãe.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 15: Fertilidade. Sangue, Movimento, face vermelha da Deusa, Rubedo, fogo. Veludo moldado e engomado em rosto. Tranças de linha e renda.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 16: Sangue e memória. Pinturas rupestres.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 17: Desenho que fiz com cerca de 3-5 anos de mulheres abrindo um portal em cima de uma estrela, a volta da fogueira, com ramificações de energias.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 18: Desenho que fiz com a inspiração na ilustração da época de criança.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 19: Bordado e tinta de tecido.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 20: Mesma pintura em seda que aparece dependendo da luz e superfície.



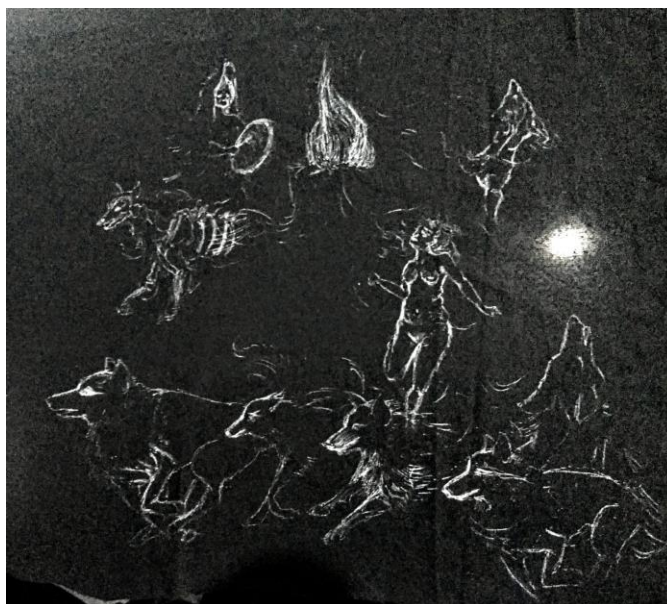
Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 21: Espíritos Mártires. Vela derretendo, fogo, água- Musseline e Tafetá engomados.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 22: Ritual de La Loba dando vida aos ossos. Pintura em Chiffon.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 23: Círculo de ossos.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 24: Árvore da vida, constelações e lua- olhos da Deusa.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 25: Loba - Nigredo. Tecido prensado, moldado e engomado.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 26: Cachoeira. Fonte da Cachoeira. Fonte da vida , fenda nas coxas da terra. Veludo, Tule com brilho, gaze, linha de algodão, miçangas, organza e pedaço de véu com pedraria. (O véu foi do berço que eu e meu irmão dormíamos na infância).



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 27: Espíritos Selvagens se manifestando pela terra e vento. Espíritos Selvagens se manifestando pela terra e vento. Mulher por fora: Galhos, Folhas, Musgo, cascas de árvores, e fungos. Interior: ossos e tecido tingido com barro (caverna) - fio da vida saindo de dentro da semente, tecido na coroa e cortado pela mão. Lobo: folhas, folhas esqueletizadas, cascas, penas, sementes, tecido tingido com barro, flor de lobeira seca.

Obs: Toda a matéria orgânica usada aqui foi coletada no local onde se achou os ossos. As Fibras retiradas de uma semente seca foram usadas para fazer a "Tiara Tear".



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 28: Espíritos Selvagens.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

5.2 Croquis

Foram selecionados, dentro de todos os desenhos elaborados, sete croquis para compor a mini coleção. Eles representam as lendas descritas no livro de Estés além de toda a pesquisa desse trabalho.

Buscou se representar os corpos e tipos de mulheres de forma plural, ainda que sejam estilizados e baseados nas características físicas das personagens das histórias.

Todos os desenhos dos croquis selecionados foram pintados com tinta aquarela.

Figura 29: A Donzela sem mãos. A Donzela sem mãos. Coroa de espinhos e Lobeira sob véu; Vestido Mortalha - Camisola- Chemise presa por cinto de contas e chave que sangra. Mãos atadas em gaze, com pedras vermelhas em cascata e borboletas de organza. Sementes nos pés.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 30: Pele da Alma- A Brilhante Sagrada. Olhos pintados em seda e organza.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 31: A "Grande Dama": Mãe da vida nas coxas da terra. Baubo /Llorona- lágrimas, rio fonte da vida da alma. Organza com seda, Espelho, pedrarias de lágrimas, estrelas, pérolas e "sangue", olhos esculpidos, coroa de concha.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 32: Mãe Selvagem- Guizos, ossos, Máscara de Loba se alimentando à lua, Folhas de borboleta. Espelho com árvore brotando do fruto do seio esquerdo. Veludo, algodão, seda, e diversas aplicações de barra. Mãos de prata.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 33: Chifre no seio, vibrações/ digital no seio oposto; Franjas nos braços e bainhas/raízes. Ossos aplicados em detalhes. Tecido de algodão e Chiffon texturizado em forma de corpos. Olhos esculpidos, sementes e penas. Vêu texturizado e preso com trança.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 34: Mulher Nascida dos ossos e fogo- Ritual de La Loba. Seda de padrões achados nos ossos e em pinturas rupestres. sementes e Flor de Lobeira.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

Figura 35: Anciã, Morte-fértil, Baubo, bruxa, sombra - Goela de caverna e lobo, contornada por serpentes.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

5.3 Confeção

O modelo escolhido para a confecção foi o vestido chemise da donzela sem mãos. Inspirado em camisolas antigas e mortalhas, por ser um traje de passagem ritualística, ao mesmo tempo em que lembra a cena de uma personagem sonambula vagando a noite no mundo dos sonhos.

Durante o processo de confecção foram acrescentadas pedrarias de acrílico para representar as lágrimas e uma barra bordada com serpentinas de gotas, escamas e estrelas.

Figura 36: Vestido Donzela sem mãos.



Fonte: Acervo pessoal. Autoria de Bárbara Beatriz T.M e Silva.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo atrás e até agora, tentaram controlar uma das forças da Natureza: a Mulher. Ao verem que tal força podia renascer mesmo após ter sido morta milhões de vezes, tentaram apagar a sua história e sua natureza. No entanto, ela continua a resistir e brota em si mesma.

Os mitos, contos e histórias transmitem a carga cultural do contexto histórico inserido. Além disso, as espécies de metáforas contidas nessas linguagens são capazes de acessar “potências psíquicas adormecidas”; tais elementos podem despertar forças que vêm sendo reprimidas há mais de séculos e desequilibrando a

humanidade e seu entorno. Dentre essas potências está a Mulher Selvagem, que reúne a força, sabedoria, cura, comunhão com a natureza e o próprio corpo.

A Mulher Selvagem é um arquétipo que esteve reprimido tanto nas mulheres como nos homens. Resgatar a conexão com essa camada psicológica seria capaz de reequilibrar corpo, mente e ambiente. Tal pensamento conversa com a psicologia de Jung e seus discípulos, que defendem a ativação desse elemento da psique por meio dos mitos e contos de fadas, pois eles fariam despertar a energia psíquica capaz de conectar a pessoa com a sua verdadeira essência pertencente à natureza como um todo.

Assim, essas narrativas dialogam com as dos círculos do Sagrado Feminino, que é uma das ramificações do Movimento Feminista. No entanto, alguns grupos do Sagrado Feminino usam as teorias de Jung e os fundamentos da “Natureza Selvagem Feminina” de forma superficial; não levando em conta a maneira didática com a qual Jung usa o binarismo, “masculino e feminino”, de forma simbólica. E ainda, ignoram os preceitos do Movimento Feminista como a Igualdade e Sororidade, ao não aceitarem ou não se preocuparem em incluir todos os tipos de mulheres que fogem ao padrão de mulher cisgênero, branca e de classe média. Porém, não é uma regra que estas incongruências façam parte de todos os grupos, a crítica que se faz aqui é para aqueles que monetizam e fazem marketing com os conceitos citados de forma esvaziada e desligada dos movimentos e problemáticas sociais.

Com isso, ao mesmo tempo em que se sobrevive aos desafios de uma cultura opressora e excludente, há em contrapartida o desenvolvimento de uma Resistência, que luta pela igualdade de direitos, liberdade de expressão, e pela valorização da História sob pontos de vista que não seja o da cultura eurocêntrica patriarcal, escrita por homens.

Ana Maria Colling (2004) ao abordar sobre história das mulheres afirma:

A história das mulheres é uma história recente, porque desde o século XIX, quando a História se transforma em disciplina científica, o lugar da mulher dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Na década de 60, as mulheres quiseram contar a sua história, olharam para trás e viram que não tinham nenhuma. Não existiam, eram somente uma representação do olhar masculino. Os homens a contavam. Por isso, falar do feminino é falar das representações que esconderam este feminino ao longo da História. (COLLING, 2004, p. 31)

Em Síntese, a Resistência citada tem suas raízes nas sociedades matrísticas, nas cicatrizes deixadas na Terra e nas mulheres que sofreram; na Inquisição, na Colonização, desde a imposição do patriarcado capitalista até hoje.

[...] Poucas vezes chegam à Europa e aos EUA casos sobre as caçadas de bruxas que ocorrem na África ou na América Latina, da mesma forma que as caças às bruxas dos séculos XVII e XVIII foram durante muito tempo de pouco interesse para os historiadores. Inclusive, nos casos conhecidos, sua importância é normalmente ignorada, de tão disseminada que é a crença de que estes fenômenos pertencem a uma era longínqua e que não têm vinculação alguma com os tempos presentes.

Se aplicarmos, no entanto, as lições do passado ao presente, nos damos conta de que a reaparição da caça às bruxas em tantas partes do mundo durante a década de 1980 e 1990 constitui um sintoma claro de um novo processo de “acumulação primitiva”, o que significa que a privatização da terra e de outros recursos comunais, o empobrecimento massivo, o saque e o fomento de divisões de comunidades que antes estavam em coesão tem voltado a fazer parte da agenda mundial. “Se as coisas continuam dessa forma” – comentavam as idosas de uma aldeia senegalesa a um antropólogo norte americano, expressando seus temores em relação ao futuro – “nossas crianças se comerão umas às outras”. E, com efeito, isto é o que se consegue por meio da caça às bruxas, seja orquestrada de cima para baixo, como uma forma de criminalização da resistência à expropriação, ou de baixo para cima, como um meio para se apropriar dos recursos cada vez mais escassos, como parece ser o caso de alguns lugares na África atualmente. (FEDERICI, Silvia. 2017 p.430-431).

O intuito deste trabalho é celebrar e evocar a tratada Resistência da Mulher Selvagem, com a criação de uma coleção de Moda autoral, por uma mulher latino-americana que resiste.

A coleção e suas ramificações se propõem a ilustrar e materializar elementos e símbolos, contidos no livro Mulheres que correm com os lobos, mas também diversos outros que são tratados e referenciados no texto, como ligados ao universo oculto das mulheres.

É importante lembrar que o trabalho foi interrompido e dificultado amplamente no caos que se formou com o cenário da pandemia de COVID-19. Aliás, esse evento parece ser uma resposta da natureza aos ataques feitos pelos humanos. Por este e outros adventos que se desenrolaram, não foi possível realizar tudo que se gostaria de ter executado expressivamente.

Assim, foi um amplo desafio à autora caminhar pela Moda, Arte e o Design com uma nova maneira de trazer à superfície a prática ancestral das mulheres sábias de contar histórias. Pois, além da interdisciplinaridade necessária para a pesquisa, foi preciso também trabalhar com outras linguagens distintas como: desenho, pintura, escultura, costura, bordado, beneficiamento têxtil, colagem,

modelagem, moulage, fotografia entre outras. Algumas dessas práticas já eram de meu domínio e foram aprimoradas, enquanto outras vieram a ser experimentadas pela primeira vez.

Tudo isso se deu tentando conciliar à rotina de uma jovem universitária ingressante no mercado de trabalho de uma terra em crise. Também chama a atenção o estranhamento (para resumir) provocado em diversas pessoas que observaram brevemente os processos e temáticas deste projeto; tanto pela densidade dos conteúdos, pela complexidade dos materiais utilizados (por exemplo ossos, terra, resinas e outros), como pelo fato de que a coleção desenvolvida não me renderia “nada”, em tese, no que diz respeito à um portfólio voltado para o mercado *fast-fashion*. Encerro não tendo a pretensão de achar que irei mudar o mundo com um trabalho de conclusão de curso, mas sei que com ele estou plantando a semente de um pensamento, que talvez um dia em coletivo, possa fazê-lo.

Com isso, deixo o registro da minha marca e de todas aquelas que um dia tentaram silenciar.

REFERÊNCIAS

ABIT. Perfil do setor têxtil. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setort>. Acesso em 01 de maio de 2022.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História: Um diálogo possível? Ijuí: Unijuí, 2004.

BORGES, Miria e PETRIELLI, Laslei. Prostituição Feminina: de Deusas a Profanas. REVISTA CEREUS, 5(2), 112-127. 2013.

ELIADE, Mircea. Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Arcadia, 1979.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1998.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos – mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FLECHA SELVAGEM. “A serpente e a canoa”. Videodisponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cfroy5JTcy4>. Acesso em 29 de abril de 2022.

FRANCO, Clarissa De; MARANHÃO Fo, EDUARDO M. de Albuquerque. Sagrado Não-Binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino. São Paulo: Mandrágora, 2019.

FRANZ, Marie Louise Von. O feminino nos contos de fadas. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2010.

CHEVALIER, Alain; GHEERBRANT, Jean. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

GIACOMINI, Cristiane Neves. Um olhar contemporânea sobre o arquétipo da mulher na cibercultura. São Paulo- SP: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo Vol. 9/1. Petrópolis- RJ: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. Os contos de fadas e os valores do eterno feminino. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10750/2/5924000067758.pdf>. Acesso em 01 de maio de 2022.

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10750/2/5924000067758.pdf>

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARQUES, Paulo Sérgio. Narrativa, alteridade e gênero: O imaginário Patriarcal e os arquétipos literários. UNESP Araraquara- SP: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 11, 2007.

MASPOLI, Antônio e PONTINNICOFF, Vanessa. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. Disponível em: http://www.revistaancora.com.br/revista_2/01.pdf. Acesso em: 01 de junho de 2022.

MATURANA, H. R. & VERDEN-ZÖLLER, G. Conversações matrísticas e patriarcais. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MENINO, Camila Biel. Correndo com os tigres: o feminino nos contos de fada de Ângela Carter. São Paulo: UNESP; Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

MELO, Jordana. Live A Jornada Matrística. Disponível em: @artessas. Acesso em 2 de Abril de 2022.

Paula, R.C. & DeMatteo, K. Chrysocyon brachyurus. The IUCN Red List of Threatened Species, 2015.

QUALLS-CORBERTT, Nancy. A Prostituta Sagrada – A Face Eterna do Feminino. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

ROBLES, Martha. Mulheres, Mitos e Deusas. O feminino através dos tempos. São Paulo: Goya, 2019.

SILVA, Aline Layane Souto da. Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. RN, 2021.

SCHWINN, Simone Andrea e FUNCK, Luana Eliasa. “Meninos vestem azul, meninas vestem rosa”: como os estereótipos de gênero podem contribuir com a manutenção da desigualdade entre mulheres e homens. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/>. Acesso em 10 de Novembro de 2019.

WRI BRASIL. Os impactos econômicos e sociais do fast fashion. Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/02/os-impactos-economicos-e-sociais-da-fast-fashion>. Acesso em 01 de Maio de 2022.

